



PUBLICAÇÃO DO SINDICATO DE JORNALISTAS | RS  
PORTO ALEGRE | AGOSTO/SETEMBRO/OUTUBRO 2025

# Versão de Jornalistas

D · I · G · I · T · A · L

Txai Suruí  
Ativista indígena  
brasileira pela  
justiça climática,  
foi nomeada  
pela ONU para o  
Grupo Consultivo  
de Jovens  
sobre Mudança  
Climática



## Amazônia, salvação do mundo?

Estamos a poucos dias do início da Conferência das Partes (COPs), em sua 30ª edição, que acontecerá de 10 a 21 de novembro em Belém do Pará.

O SindJoRS, pela importância do evento, lançou no dia 23 de setembro, dia do seu aniversário, o Caderno Especial do Versão de Jornalistas On-line sobre a COP 30. Este caderno, também encartado nesta edição, busca apoiar os jornalistas na cobertura qualificada do tema. Acreditamos que a COP 30 será mais do que uma conferência. Será um teste de maturidade política, de capacidade de articulação internacional e, sobretudo, de coragem e ética. O Brasil está se preparando para esse momento — e o jornalismo precisa estar à altura do desafio.

# Jornalismo e produção de conhecimento

O jornalismo é na sua essência uma atividade engajada que prima pelo respeito aos trabalhadores e trabalhadoras de todas as profissões. O Versão de Jornalista busca reportar, registrar, informar e instigar a categoria sobre temas que demonstram esta perspectiva.

Apresentar a realidade como decorrência das ações humanas com determinados propósitos, e não como naturalmente existente. Estabelecer os nexos não aparentes entre informações e fatos, mostrando seus aspectos essenciais. Transitar do singular para o particular. Produzir conhecimento.

Assim procede o bom jornalismo, como ensina Adelmo Genro Filho em seu livro “O segredo da pirâmide”. E assim tentamos fazer no “Versão”, reportando temas atinentes à categoria para além do mero registro, buscando uma abordagem informativa mas também reflexiva, quiçá instigante.

Nesta edição analisamos as limitações da comunicação pública no Brasil, notadamente a sua radiodifusão, referindo às fragilidades da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC). Fato que remete ao fortalecimento da luta pela democrati-

zação da comunicação, inspiradora da EBC.

Destacamos que o Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC), histórica entidade, passou a ser dirigido pela jornalista Katia Marko, vice-presidenta do Sindicato de Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul (SindJoRS). A isso soma-se a recondução de Laura Santos Rocha para a presidência da entidade.

Reeleita também foi Samira de Castro para o cargo máximo da Federação Nacional de Jornalistas (Fenaj). Lideranças que expressam o protagonismo feminino em nossa categoria, contido identicamente na atuação de outras colegas posicionadas em cargos sindicais locais e nacionais. No RS, a nova direção sindical foi empossada em 1º de agosto.

Sindicalismo este que atua para fortalecer nossas atribuições e direitos profissionais, como a luta em Rio Grande rei-



PEDRO DREHER

vindicando a equiparação salarial de jornalistas servidores públicos ao piso da capital; as manifestações em Santa Maria em defesa da profissão e da comunicação pública – com o lançamento de um manual prático para as tvs legislativas sobre debates eleitorais. Em POA, o Sindicato fechou acordo coletivo obtendo reposição salarial, sem reajuste. Para 2026, a Fenaj projeta seguir com a campanha salarial unificada.

Além dos salários também são importantes outros aspectos do exercício profissional, como os impactos da IA. Com

a Fenaj, temos participado do debate sobre a sua regulamentação. Os desdobramentos incessantes das tecnologias digitais afetam a integralidade da nossa profissão. Abrangem, claro, a fotografia, acometida também por outros recursos da tecnologia.

Engajada está a categoria, seus representantes e colegas, batalhando pelo respeito aos trabalhadores e trabalhadoras, para além mesmo do círculo profissional. Condição recentemente demonstrada, quando uma repórter e um cinegrafista socorreram um inspetor baleado

em uma ação policial que os dois cobriam. Pois compartilhamos um destino comum aos obreiros e obreiras, todos e todas.

O jornalismo é essencialmente uma atividade engajada e deve estar ao lado dos desfavorecidos. Esse atributo é referido nesta edição, a propósito da intensa cobertura dos temas ambientais – mas também, enfaticamente, quanto à nossa solidariedade e apoio ao povo e aos jornalistas palestinos, vítimas do massacre imposto por Israel àquela nação.

Boa leitura!

# Mulheres seguem liderando Fenaj e SindJoRS

## Resistência, compromisso e valorização do jornalismo

Defesa da democracia, combate à precarização e por salários dignos, luta contra a violência direcionada aos profissionais da comunicação, criação de políticas públicas e busca de qualidade de vida das e dos jornalistas segue sendo a tônica da Fenaj e SindJoRS.

**STELA PASTORE**  
JORNALISTA E DIRETORA DO SINDJORS

**A**reeleição das jornalistas Samira de Castro, na presidência da Federação Nacional de Jornalistas (Fenaj), e Laura Santos Rocha, à frente do Sindicato de Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul (SindJoRS), consolida uma fase histórica de protagonismo feminino no sindicalismo da categoria. Ambas lideraram chapas únicas e foram reconduzidas com apoio massivo da base, reafirmando a confiança em gestões combativas, democráticas e profundamente comprometidas com a valorização do jornalismo e de quem o faz.

Com 94% dos votos válidos, Samira seguirá à frente da Fenaj no triênio 2025-2028. Sua gestão tem como pilares a defesa dos direitos trabalhistas, o combate à precarização, a luta contra a violência direcionada a jornalistas e a construção de políticas públicas para a comunicação no Brasil. “Seguimos firmes na defesa de uma Fenaj combativa, democrática e plural”, afirmou após a vitória.

A nova diretoria da federação é composta por representantes de 22 sindicatos, com apoio de 29 das 31 entidades

filiadas. A eleição da nova Comissão Nacional de Ética também reforçou o protagonismo das mulheres: elas estiveram entre os nomes mais votados.

O Rio Grande do Sul tem protagonismo nessa composição. Três jornalistas gaúchas assumem funções estratégicas: Stela Pastore, como vice-presidenta da Regional Sul, Letícia Castro, na Secretaria de Mobilização em Assessoria de Comunicação, e Sylvia Fernandes, na Comissão de Ética.

### CORAGEM E ORGANIZAÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL

No estado, Laura Santos Rocha foi reeleita com a chapa “Coragem: nós podemos mais!”. À frente do SindJoRS, ela promete intensificar a mobilização da categoria frente a desafios estruturais: pejotização, acúmulo de funções, adoecimento, desmonte de direitos e a perda da identidade profissional. “Só a organização coletiva garante direitos e reconstrói conquistas”, afirmou.

Tanto Laura quanto Samira reforçam a necessidade urgente de criar políticas públicas que sustentem a produção jornalística. Entre as propostas, ganha destaque o Funajor (Fundo Nacional de Apoio e



Samira de Castro presidenta da Fenaj



Laura Santos Rocha presidenta do SindJoRS

Fomento ao Jornalismo) — iniciativa da Fenaj que prevê a taxação das big techs por meio de uma Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide). Os recursos financiarão a produção de conteúdo jornalístico independente, ético e de interesse público.

“A informação é um bem público – e precisa de políticas

públicas para sobreviver”, defende Samira.

Outro eixo prioritário é a retomada da exigência do diploma para o exercício da profissão. “Valorizar jornalistas é fortalecer a democracia e garantir à sociedade o direito à verdade”, completa Laura.

Em tempos de violência extrema contra a imprensa —

como em Gaza, onde mais de 200 jornalistas foram assassinados —, defender o jornalismo é também defender a vida. “Sem jornalismo, não há democracia. E para que essa verdade se mantenha viva, é preciso valorizar quem a sustenta todos os dias: os e as jornalistas”, finaliza a presidenta do SindJoRS.

## MUNDO DO TRABALHO

# NEGOCIAÇÃO COLETIVA

## A difícil tarefa de dialogar com os sindicatos patronais

O SindJoRS fechou acordo com 100% do INPC, de reposição, mas sem aumento real, depois de quatro reuniões tensas e impasse com representação patronal. Database dos jornalistas gaúchos é primeiro de junho.

**CARLA SEABRA**  
JORNALISTA E DIRETORA DO SINDJORS

Os jornalistas do Rio Grande do Sul, representados pela diretoria do SindJoRS, encerraram mais um ciclo de negociações coletivas com resultado aquém das expectativas da categoria. Após quatro reuniões tensas entre junho e agosto, o Sindicato de Jornalistas Profissionais do RS e os sindicatos patronais fecharam acordo para a Convenção Coletiva de Trabalho (CCT) 2025-2026 com reajuste salarial de apenas 5,20% - correspondente a 100% do INPC acumulado, sem qualquer ganho real, com abono linear de R\$ 150.

Nas cláusulas sociais, ficou acordado o aumento de um dia em relação ao prazo de afastamento em caso de falecimento de familiar já permiti-

tido pelo Art. 473 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

### PROCESSO DESGASTANTE

O processo evidenciou as dificuldades estruturais que os jornalistas enfrentam para manter o poder de compra. O SindJoRS havia proposto inicialmente reajuste de 10% para compensar as perdas acumuladas desde 2020, mas encontrou resistência sistemática da representação patronal, composta pelo Sindicato das Empresas de Rádio e TV (SindiRádio) e pelo Sindicato das Empresas Proprietárias de Jornais e Revistas (SindiJoRe).

Na segunda reunião, a patronal surpreendeu ao oferecer apenas 80% do INPC, parcelado em duas vezes, quebrando o acordo de discutir



SindJoRS visitou as redações em Porto Alegre ressaltando a importância da negociação coletiva

primeiro as cláusulas sociais, propostas por eles próprios. Ao fim, os empregadores propuseram 90% do INPC, pagos em duas parcelas, rejeitada pela categoria que manteve a posição de reajuste integral em parcela única.

A dinâmica das negociações revela um padrão preocupante: enquanto o SindJoRS entrega suas propostas com antecedência, a cada ano, os representantes patronais só retomam as tratativas em junho, mês da data-base. Essa estratégia, aparentemente, visa desmobilizar a categoria e pressionar por acordos menos favoráveis.

A categoria de jornalistas,

essencial para a democracia e o direito à informação, enfrenta há anos um processo de precarização com redução de redações, acúmulo de funções e pressão por produtividade. Esse cenário se agrava com acordos que não oferecem perspectiva de recuperação salarial.

As negociações ocorreram em momento de relativa recuperação da economia brasileira, com crescimento do PIB e controle da inflação. Especialistas em relações trabalhistas apontam que acordos limitados à reposição inflacionária representam perda efetiva de poder aquisitivo, considerando que não contemplam ga-

nhos de produtividade nem valorização profissional.

Por esta razão, o resultado das negociações de 2025 reforça a necessidade de maior organização e mobilização da categoria. Enquanto outros estados conseguiram acordos com ganhos reais, o Rio Grande do Sul mantém-se estagnado, comprometendo a valorização dos profissionais de imprensa gaúchos.

A CCT 2025-2026 estará vigente até 31 de maio de 2026, quando um novo ciclo de negociações deverá começar - com a categoria já sinalizando que não aceitará mais retrocessos em suas condições de trabalho e remuneração.

## FALA ESTUDANTE

# Jornalista operário da notícia

As e os jornalistas são trabalhadores que vendem sua força de trabalho para uma empresa e, desta forma, não tem controle sobre o processo de produção e veiculação da mercadoria que é a informação.

**RODRIGO FLORES\***  
JORNALISTA

O veículo de imprensa é uma fábrica. Uma fábrica tem uma linha de produção que transforma a matéria prima em mercadoria. Quando essa mercadoria é vendida se deduz o valor que vai pagar pelo maquinário, estrutura, salário dos operários e, principalmente, acumular lucro para os patrões. No caso da imprensa acontece o mesmo, mas em um nível mais abstrato, então a situação pode não parecer tão clara.

Temos a matéria prima, nesse caso a sucessão de eventos contínuos e confusos que é a vida cotidiana. Um trabalhador que faz um recorte nos eventos de maior destaque, que passam por uma verdadeira linha de montagem para transformar aquele momento em algo informativo e atrativo (seja em áudio, texto ou vídeo), assim chegamos ao produto final, a notícia. Esta vai



As redações são uma fábrica de produção de informações e notícias

ser “empacotada” e vendida, como qualquer outro produto no mercado.

Mesmo quando a notícia não é vendida diretamente, como em concessões públicas de rádio e televisão, ou em veículos que não cobram assinaturas, ainda assim existe uma fonte de renda, sejam de anúncios

ou doações. Dessa fonte de renda são retirados os valores que cobrem os custos de produção como manutenção das instalações, maquinário e o salário dos funcionários, mas principalmente o lucro dos donos do veículo.

Dessa forma, o jornalista existe na mesma condição

que qualquer outro trabalhador assalariado. O lucro resultado do trabalho do repórter, com a veiculação de sua reportagem, não fica com ele mesmo, mas com o dono do jornal (ou da emissora). Infelizmente, muitas vezes o próprio jornalista não percebe isso, por frequentar espa-

ços e interagir com pessoas da elite política e financeira em seu trabalho, alguns acabam se iludindo e pensando fazer parte desse grupo. Ledo engano, o jornalista está ao lado do motorista, do caixa de supermercado, do torneiro mecânico, do enfermeiro, do bancário, etc. De todas aquelas pessoas que também vendem sua força de trabalho para uma empresa, que não tem controle sobre todo o processo de produção e veiculação da mercadoria que produzem, a notícia, que não compartilham dos lucros da empresa que presta serviço.

### PRECARIZAÇÃO

O trabalho do jornalista, assim como muitas outras profissões, tem sofrido em tempos recentes com a precarização. O enxugamento de redações e a pejetização tem colocado muitos colegas em posições delicadas, de insegurança financeira e profissional. Esse é o mesmo processo que vem ocorrendo com diversas categorias de trabalhadores nos últimos anos, desde motoristas e entregadores, até profissões que exigem maior qualificação, como os jornalistas.

Fato é que, nós, jornalistas, compartilhamos a mesma situação e destino de todos as outras categorias de trabalhadores, qual será esse futuro depende das ações tomadas no presente.

*\* Artigo escrito pelo recém formado em jornalismo Rodrigo Flores que escreveu seu TCC com apoio do SindJoRS*



Visita à redação pelo reconhecimento da Polícia Civil aos profissionais da ação das e dos jornalistas

# Jornalismo solidário

## Quando informar vai além da notícia

Empatia, solidariedade e envolvimento humano dos jornalistas durante cobertura de ação policial reafirma a responsabilidade social do jornalismo.

**CARLA SEABRA**  
JORNALISTA E DIRETORA DO SINDJORS

**N**a madrugada de 5 de agosto, durante uma operação policial contra esquema de armas de fogo - incluindo fuzis, pistolas adaptadas para disparo automático e carregadores de alta capacidade -, a repórter Vitória Matos e o cinegrafista Diego Medeiros (Record TV), junto com o fotógrafo Ronaldo Bernardi (Zero Hora), socorram o inspetor Leandro Sailer Lima, atingido por disparos durante a ação. A investiga-

ção revelou que o grupo também comercializava munições e traficava drogas (maconha e ecstasy), demonstrando a complexidade da organização desmantelada. O episódio revelou uma faceta pouco visível do jornalismo: o envolvimento humano dos profissionais com as realidades cobertas.

O jornalismo policial ganhou relevância nas últimas décadas, evoluindo de notas policiais para coberturas ao vivo e análises aprofundadas. Esta especialização exige preparo específico: treinamento em procedimentos policiais,

segurança pessoal e primeiros socorros, além de equipamentos de proteção. No entanto, o gesto dos profissionais da imprensa, durante a operação, reafirma uma dimensão frequentemente esquecida do jornalismo: a responsabilidade social, que vai além do dever de informar. O jornalismo, como instituição democrática, não existe isoladamente, mas como parte de uma sociedade cujos valores fundamentais incluem a preservação da vida e a solidariedade humana.

### REFLEXÃO NECESSÁRIA

O episódio convida à reflexão sobre como a sociedade enxerga o jornalismo e seus profissionais. Mais do que produtores de conteúdo, os jornalistas são agentes sociais, cujo trabalho impacta diretamente a qualidade da democracia e,

em momentos como este, demonstram que sua contribuição pode ir muito além das páginas dos jornais, das telas da televisão, das ondas dos rádios e das plataformas na web.

A ação solidária daquela madrugada de agosto não diminui a importância da independência jornalística nem compromete a capacidade crítica da imprensa. Pelo contrário, demonstra que é possível manter o compromisso profissional com a verdade e a fiscalização do poder público, sem abrir mão da humanidade e da solidariedade.

### RECONHECIMENTO OFICIAL

O Sindicato dos Servidores da Polícia Civil do RS (SINPOL-RS) emitiu nota exaltando as “ações solidárias dos jornalistas Vitória Matos, Diego Frantz Medeiros e Ronaldo Bernardi,

os quais prontamente auxiliaram na remoção do colega inspetor Leandro Sailer Lima, ferido em objeto de serviço na defesa da sociedade gaúcha”. O sindicato destacou que o ato “demonstra altivez dos referidos profissionais da imprensa, que, por alguns instantes, abandonaram suas atividades profissionais e se dedicaram a salvar a vida de um profissional da segurança pública”.

Os jornalistas também foram homenageados pela Polícia Civil e pelo próprio inspetor Leandro, recuperado. Em visita à redação da Record Guaíba, representantes prestaram agradecimentos públicos. Este reconhecimento institucional reafirma que jornalismo responsável contribui não só para democracia por meio da informação, mas para sociedade mais solidária, mantendo valores humanos acima de divisões profissionais.

# NÃO ME CALO: PAREM DE MATAR JORNALISTAS!

MOIZ SALHI / AGÊNCIA ANADOLU

Os jornalistas, acostumados a contar histórias e denunciar ações e arbitrariedades nas mais diferentes áreas da vida nas sociedades mundiais, desta vez tiveram que agir de forma organizada para contar uma trágica e cruel história sobre o que vem acontecendo com os profissionais de comunicação na Palestina.

**MONICA CABAÑAS**  
JORNALISTA E DIRETORA DO SINDJORS

A Federação Internacional de Jornalistas (FIJ) informa que pelo menos 302 jornalistas e trabalhadores da comunicação morreram no conflito da Palestina nestes últimos dois anos, completados em 7 de outubro, sendo que 252 jornalistas palestinos em Gaza, e 50 na Cisjordânia. Os jornalistas mortos equivalem a uma taxa de mortalidade superior a 10%, fazendo com que este número seja superior a qualquer outro grupo profissional. Dados como esse motivaram a promoção de uma ação global sem precedentes, no dia 1º de setembro de 2025. Esta ação, coordenada pela Repórter Sem Fronteiras (RSF), pela comunidade de mobilização on-line Avaaz e pela FIJ, contou com a adesão de mais de 270 veículos de imprensa em 70 países e denunciou a morte dos jornalistas em Gaza.

No Brasil, a Fenaj vem realizando diferentes atividades e ações e, entre elas, comentamos: notas de repúdio, campanhas em suas redes e nas de sindicatos filiados denunciando a morte dos colegas, pedindo medidas urgentes de proteção, enviando ofícios às autoridades nacionais e internacionais



Parentes e amigos lamentam cinco jornalistas mortos por um bombardeio de Israel ao Hospital al-Awda, na Cidade de Gaza, em 26 de dezembro de 2024

repudiando a morte dos jornalistas e solicitando empenho na aprovação, pelos Estados-Membros da ONU, com máxima urgência, da Convenção Internacional que protege as e os jornalistas profissionais no seu exercício profissional.

A aprovação da Conven-

ção garantirá aos jornalistas, entre outras questões: reconhecimento formal dos jornalistas como civis em zonas de conflito, conforme o Direito Internacional Humanitário; garantia de direitos fundamentais, como o direito à vida, à integridade física, à liberdade

de expressão e ao acesso a recursos legais em caso de violação; combate à impunidade; proteção contra abusos legais; abordagem sensível ao gênero reconhecendo os riscos adicionais enfrentados por mulheres jornalistas, especialmente em contextos de conflito.

A Fenaj vem defendendo, junto à Federação Internacional de Jornalistas, a promoção de um dia de luta, com uma hora de paralisação do trabalho pelos jornalistas de todo o mundo, em protesto e memória pelos 302 colegas já mortos em Gaza e na Cisjordânia.

## ASSEMBLEIA GERAL DA ONU

Realizada no marco da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) em Nova York, no dia 24 de setembro de 2025, representantes de mais de vinte países participaram de uma reunião ministerial paralela privada sem precedentes desde outubro de 2023 sobre a proteção de jornalistas em Gaza. A reunião lotou a sede das Nações Unidas e teve a participação de ministros das Relações Exteriores do Catar, da Finlândia (copresidente da Coalizão pela Liberdade de Imprensa) e da Grécia (copresidente do Grupo de Amigos da Liberdade de Imprensa na ONU), do Líbano, Brasil, Chile, Espanha e Estônia, além do comissário federal alemão encarregado dos direitos humanos e a subsecretária-geral de Comunicação Global da ONU, Melissa Fleming.

A reunião foi aberta pelo ministro francês das Relações Exteriores, Jean-Noël Barrot, e pelo diretor geral da Repórter Sem Fronteira (RSF), Thibaut Bruttin. Na reunião foi feito um apelo urgente à mobilização dos Estados-membros para finalmente obter das autoridades israelenses a proteção dos jornalistas em Gaza, a abertura do território à imprensa internacional e a evacuação dos jornalistas que necessitam sair. “A RSF agradece aos participantes do evento ministerial paralelo. A situação enfrentada pelos jornalistas em Gaza representa um sério desafio à proteção da imprensa em conflitos armados”, afirmou Thibaut Brut-



REUTERS / MAHMOUD ISSA

Um membro da mídia inspeciona os danos no local de um ataque israelense a uma tenda perto do Hospital Shifa, onde os jornalistas da Al Jazeera Anas Al Sharif, Mohammed Qreiqeh, Ibrahim Zaher e Mohammed Noufal foram mortos, na Cidade de Gaza, em 11 de agosto de 2025

tin, Diretor Geral da RSF em sua fala na reunião.

Participaram da reunião, em transmissão direta desde Gaza, o jornalista palestino Rami Abou Jamous, que é correspondente de vários meios de comunicação franceses, como a Radio France, France 24 e France Télévisions e seus colegas que conseguiram deixar Gaza meses atrás, Rita Baroud, ex-correspondente do meio italiano La Repubblica, e Motaz Azaiza, fotojornalista. A reunião contou ainda com a participação de Phil

Chetwynd, diretor global da AFP, Tania Kraemer, correspondente da Deutsche Welle em Jerusalém e presidente da Associação da Imprensa Estrangeira em Israel, e Gideon Levy, jornalista israelense do meio Haaretz. A sessão foi concluída por Jodie Ginsberg, diretora do Comitê para a Proteção dos Jornalistas (CPJ).

### ENCONTRO COM JORNALISTAS PALESTINOS

A Fenaj, juntamente com a Embaixada da Palestina no

Brasil, promoveu no dia 25 de setembro o encontro “Diálogo sobre a Palestina”, roda de conversa entre jornalistas do Brasil e da região. “A ideia da reunião foi exatamente promover a oportunidade aos nossos colegas palestinos, que estão sendo assassinados brutalmente, de relatar a realidade que enfrentam para noticiar sobre uma ofensiva que já matou quase 70 mil pessoas, a maioria mulheres e crianças”, disse Samira de Castro, presidenta da Fenaj.

Meia hora após a reunião, a

tenda de onde falaram os colegas foi bombardeada e a formação foi repassada pelo presidente do Sindicato dos Jornalistas Palestinos (PJS), Naser Abu Baker, ao embaixador da Palestina no Brasil, Ibrahim Alzeben. Os jornalistas sobreviveram ao ataque porque saíram alguns minutos antes do bombardeio.

Os depoimentos dos jornalistas que atuam em Gaza, bem como do presidente e vice-presidente da Federação dos Jornalistas Palestinos, foram contundentes. Eles mos-

traram a realidade diária de insegurança, falta de comida, de água, de medicamentos, de luz e internet, estresse constante e pressão psicológica. Os jornalistas relataram que em Gaza eles vivem e trabalham em tendas, numa situação precária e desumana, e que atuam nos Centros de Solidariedade montados pelo sindicato.

Naser Abu Bake, presidente do Sindicato dos Jornalistas da Palestina comentou em sua fala na reunião: “O estado de ocupação quer matar os jornalistas porque querem assassinar a verdade, porque eles não querem que ninguém saiba sobre essa limpeza étnica perpetrada na Faixa de Gaza. Não querem que ninguém saiba sobre o terror e, por isso mesmo, matam primeiro os jornalistas palestinos e, posteriormente, proíbem qualquer jornalista estrangeiro de entrar em Gaza”.

Os números apresentados pelo Sindicato dos Jornalistas da Palestina foi a seguinte: 252 jornalistas que em sua grande maioria foram mortos em frente a hospitais e escolas – este número de mortos superior as mortes da I e II guerras mundiais, 200 jornalistas presos, 400 jornalistas feridos, destruição de todas as instalações e instituições de mídia em Gaza, 600 membros das famílias de jornalistas mortos, 647 casas pertencentes aos jornalistas destruídas, todos os jornalistas foram expulsos de suas casas e deslocados no mínimo 7 vezes e vivem em tendas, 3.400 jornalistas estrangeiros foram proibidos de entrar em Gaza, sendo que 720 são americanos.

## SAIBA MAIS

### Os jornalistas palestinos que participaram do encontro foram:

- Naser Abu Baker, Presidente do Sindicato dos Jornalistas Palestina
- Tahseen al Astal, Vice-presidente do Sindicato dos Jornalistas Palestinos em Gaza
- Mohammd al Sayyad, Jornalista al Arabiya Alhadath
- Ghaida Mohammad, TV Palestina
- Raed Lafi, Jornalista da cidade de Gaza
- Ola Kassab, Jornalista em Gaza
- Samir Khalifa, Jornalista em Gaza
- Fidaa Asaliya, Jornalista em Gaza
- Mustafa al Bayed, Correspondente do canal ART (Rússia)
- Moneeb Saada, Correspondente Agência Palestina 24

## DEPOIMENTOS

*Mohammd al Sayyad, jornalista do jornal “al Arabiya Alhadath”:* “Todos os dias, quando eu saio para trabalhar, eu me despeço da minha família, porque eu talvez não volte. Isto é uma realidade muito dura”.

*Ghaida Mohammad, TV Palestina e Secretária do Sindicato Jornalistas da Palestina:* “Eu represento as jornalistas mulheres que foram deslocadas mais de uma vez e vivenciam a tragédia deste deslocamento diariamente e continuam trabalhando. As jornalistas mulheres que estão atuando em campo trabalham sem nenhum tipo de proteção e nenhum tipo de equipamento que proteja sua integridade física. O local onde nós trabalhamos não está adequado ou não tem as condições técnicas para nossa atuação. As nossas jornalistas mulheres, além de cumprir com

*seu trabalho, têm que cumprir com tarefas domésticas para que elas possam garantir a assistência de suas famílias. Dentro destas condições difíceis de fazer a cobertura jornalística, todas as jornalistas mulheres têm se empenhado para fazer o seu trabalho e ao mesmo tempo garantir a subsistência de suas famílias”.*

*Mustafa al Bayed, correspondente do canal ART (Rússia):* “Estou falando com vocês sob um intenso bombardeio de aviões da ocupação israelense, que está alvejando todos os lugares no nosso entorno e a qualquer momento pode nos alvejar. Nós, jornalistas palestinos, nos mantemos aqui cumprindo com a nossa missão, e nós vamos todos os dias a campo para fazer a cobertura jornalística de todos os acontecimentos. Nós decidimos que vamos fazer esta cobertura

Quase todos os mais de 200 jornalistas mortos desde 7 de outubro de 2023 eram palestinos

*para levar a verdade até vocês custe o que custar, nem que custe as nossas vidas, para que o mundo saiba o que está acontecendo na Palestina. Pedimos que todos os jornalistas levantem a voz para que possamos ter a proteção necessária. Peço a todos que nos deem o seu apoio para que possamos continuar a fazer o nosso trabalho”.*

*Samir Khalifa:* “Falo com vocês da cidade de Gaza - ou o que sobrou de Gaza - depois de termos a agressão da força de ocupação que destruíram

*95% dela. Nós estamos falando com vocês de um centro que fica de 300 a 500 metros, no máximo, de onde ficam os tanques israelenses que ficam na faixa de Gaza. E os aviões ficam voando incessantemente sobre este centro, fazendo uma interferência para que nós não possamos ser ouvidos por vocês. O lugar que estamos é muito vulnerável e a qualquer momento podemos ser atacados e talvez este seja nosso último lugar onde possamos nos encontrar com vocês e talvez estas sejam as últimas palavras que estamos trocando, porque se*

*formos atacados, podemos não estar mais aqui daqui a alguns momentos”.*

*Fidaa Asaliya:* “Estamos no centro de solidariedade pertencente ao Sindicato dos Jornalistas em Gaza, em meio a um bombardeio constante que está ameaçando as nossas vidas. Nós, como jornalistas em Gaza, continuamos a cumprir nossa missão, apesar do bombardeio incessante e dos perigos que nos acompanham sempre. Muitos de nós fomos alvejados de uma forma direta, muitos se tornaram mártires e muitos

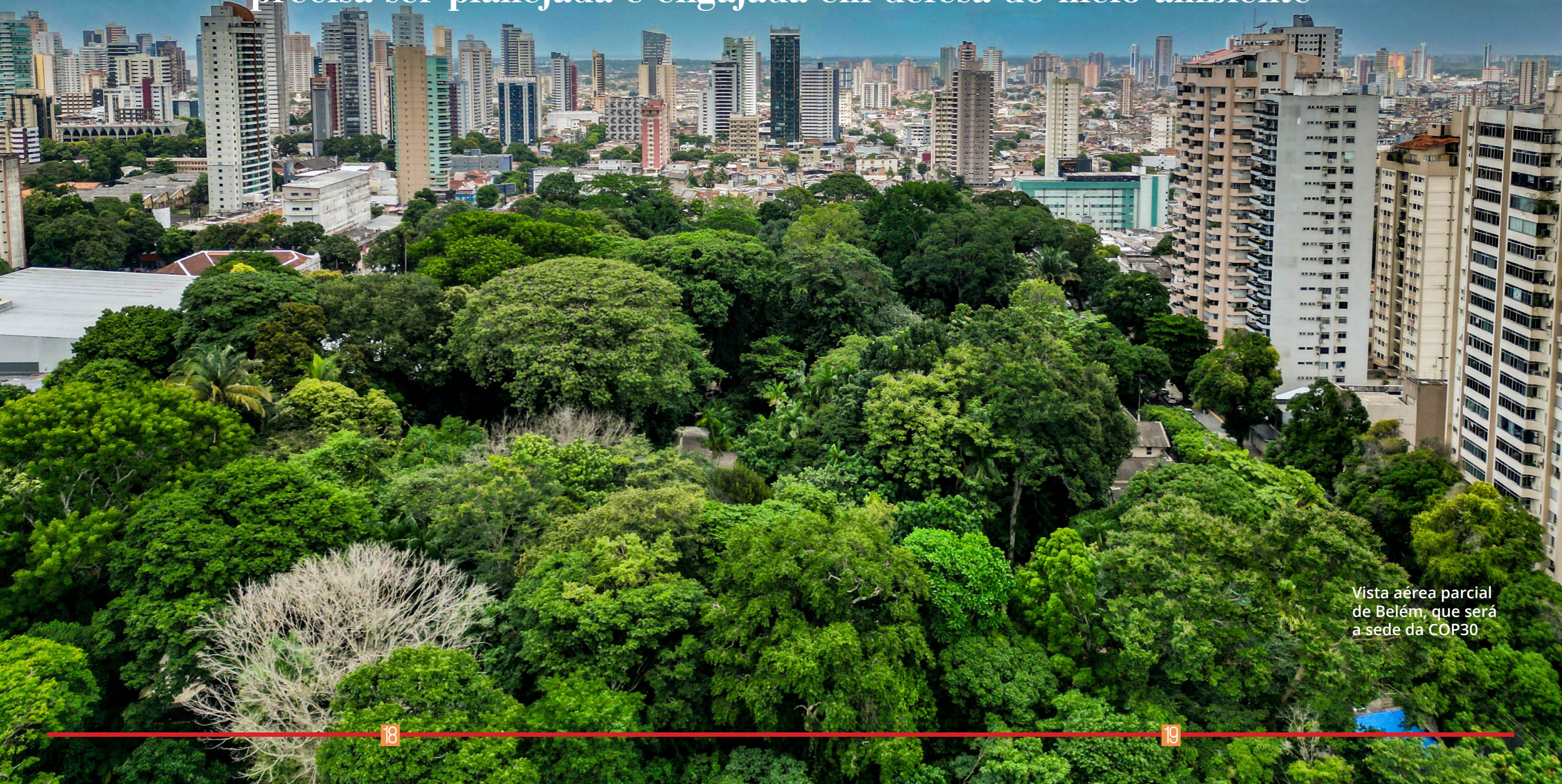
*estão feridos, e mesmo assim nós continuamos com a nossa missão, apesar do perigo. Exigimos que esta guerra cesse imediatamente e a proteção dos jornalistas que estão pagando o preço com a própria vida para transmitir a verdade ao mundo. Estamos correndo perigo constante e sendo ameaçados a todo momento e talvez esta seja a última vez que estejamos falando uns com os outros”.*

*\*\* Matéria escrita com informações e dados da RFS, FIJ, ONU e Fenaj.*

JORNALISMO AMBIENTAL

# POR DENTRO DA COP30

Cobertura da imprensa na conferência da ONU  
precisa ser planejada e engajada em defesa do meio ambiente



Vista aérea parcial  
de Belém, que será  
a sede da COP30

**SÉRGIO PEREIRA**

JORNALISTA E INTEGRANTE DO GRUPO DE PESQUISA JORNALISMO AMBIENTAL (UFRGS/CNPQ)

Cobrir um grande evento é sempre uma missão complexa para o jornalista. Principalmente se estiver trabalhando solo, característica comum hoje em dia, já que as empresas quase não investem em coberturas com pouco potencial comercial (ainda mais se estiver relacionado ao meio ambiente) ou também porque muitos colegas trabalham em veículos independentes ou como freelancers. A Conferência das Partes (COP30), organizada pelas Nações Unidas para debater as mudanças do clima e que ocorrerá em Belém (PA) de 10 a 21 de novembro, será ainda mais desafiante por sua grandiosidade.

A programação oficial vai ocorrer em um único centro, o Parque da Cidade, uma área de 500 mil metros quadrados especialmente construída na capital paranaense, o que pode facilitar a cobertura. Mas as atividades são muitas e diversas. O parque estará dividido em duas grandes áreas: a Zona Verde (Green Zone), que será aberta ao público, terá debates, painéis e exposições; e a Zona Azul (Blue Zone), espaço restrito da ONU e onde acontecerão as reuniões diplomáticas.

A cobertura exigirá do jornalista, portanto, muito planejamento. Principalmente porque eventos simultâneos sobre o tema ambiental também ocorrerão em Belém, mas fora da área do Parque da Cidade. São as chamadas COPs Paralelas. Entre os movimentos popula-



Parque da Cidade tem uma área de 500 mil metros quadrados e será a sede da COP30

res que farão parte desse grupo estão a Cúpula dos Povos, a COP das Baixadas e a Igreja Rumo a COP. Não será possível ignorar essas mobilizações.

**EIXOS TEMÁTICOS**

A COP30 programou uma “Agenda de Ação”, que será o “pilar da Convenção do Clima

que mobiliza ações climáticas voluntárias da sociedade civil, empresas, investidores, cidades, estados e países para intensificar a redução das emissões, a adaptação às mudanças do clima e a transição para economias sustentáveis, conforme previsto no Acordo de Paris”, nas palavras da organização.

A “Agenda de Ação” estará distribuída em seis eixos temáticos: 1 - Transição nos setores de energia, indústria e transporte; 2 - Gestão sustentável de florestas, oceanos e biodiversidade; 3 - Transformação da agricultura e sistemas alimentares; 4 - Construção de resiliência em cidades, infraestrutura e água; 5 - Promoção

do desenvolvimento humano e social; 6 – Transversais: catalisadores e aceleradores, incluindo financiamento, tecnologia e capacitação. Cada eixo possui os seus objetivos específicos (ver tabela nas páginas seguintes).

Para a primeira semana estão programados os encontros técnicos. Já a partir da segun-

da semana, começam as discussões e negociações entre os chefes de Estado. As decisões devem ser consensuais e cada país tem direito a um único voto. O grande objetivo, até o final do evento, é costurar um acordo internacional, o que deve, como sempre, gerar muita polêmica.

Mas não fique preso ao oficial. É muito comum que as narrativas vindas das maiores potências, pouco dispostas a aceitar as mudanças necessárias, sejam vazias, sem validade prática e descompromissadas. Então, uma cobertura baseada nas falas dos povos que sofrem diretamente na pele com a devastação pode ser muito mais verdadeira em contraposição aos tradicionais discursos diplomáticos.

Por fim, não custa lembrar que não existe cobertura de temas ambientais sem engajamento. O jornalismo precisa sempre ficar do lado dos desfavorecidos. Está lá no Código de Ética dos Jornalistas, em seu artigo 6º, inciso XI, é dever do jornalista “defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, dos adolescentes, das mulheres, dos idosos, dos negros e das minorias”. O jornalismo precisa ter compromisso com a defesa da vida, da educação, da democracia, da ciência e, mais do que nunca, do meio ambiente. Principalmente agora, quando as mudanças climáticas estão afetando a todos indiscriminadamente. E a enchente de 2024 no RS é uma grande prova disso.

ALEXANDRE COSTA / AGÊNCIA PARÁ

# OS 30 OBJETIVOS-CHAVE

## EIXO 1

Transição nos setores de energia, indústria e transportes

- 1) Triplicar renováveis e duplicar eficiência energética
- 2) Aceleração de tecnologias de zero e baixas emissões em setores de difícil descarbonização
- 3) Assegurar o acesso universal à energia
- 4) Transição para o afastamento dos combustíveis fósseis, de forma justa, ordenada e equitativa

## EIXO 2

Gestão sustentável de florestas, oceanos e biodiversidade

- 5) Investimentos para parar e reverter o desmatamento e a degradação florestal
- 6) Esforços para conservar, proteger e restaurar a natureza e ecossistemas com soluções para o clima, biodiversidade e desertificação
- 7) Esforços para preservação e restauração de oceanos e ecossistemas costeiros

## EIXO 3

Transformação da Agricultura e sistemas alimentares

- 8) Recuperação de áreas degradadas e agricultura sustentável
- 9) Sistemas alimentares mais resilientes, adaptados e sustentáveis
- 10) Acesso equitativo a alimentação adequada e nutrição para todos

## EIXO 4

Construção de resiliência em cidades, infraestrutura e água

- 11) Governança multinível
- 12) Construções e edificações sustentáveis e resilientes
- 13) Desenvolvimento urbano, mobilidade e infraestrutura resilientes
- 14) Gestão da água
- 15) Gestão de resíduos sólidos

## EIXO 5

Promoção do desenvolvimento humano e social

- 16) Promoção de serviços de saúde resilientes
- 17) Redução dos efeitos da mudança do clima na erradicação da fome e da pobreza
- 18) Educação, capacitação e geração de empregos para enfrentar a mudança do clima
- 19) Cultura, patrimônio cultural e ação climática

## TRANSVERSAIS

Catalisadores e aceleradores, incluindo financiamento, tecnologia e capacitação

- 20) Finanças climáticas e sustentáveis, com integração sistemática do clima em investimentos e seguros
- 21) Financiamento para adaptação
- 22) Compras governamentais integrando o clima
- 23) Harmonização de mercados de carbono e de padrões de contabilidade de carbono
- 24) Clima e comércio
- 25) Redução de gases não-CO<sub>2</sub>
- 26) Governança, capacidade do Estado e fortalecimento institucional para a ação climática, planejamento e preparação
- 27) Inteligência artificial, infraestrutura pública digital e tecnologias digitais
- 28) Inovação, empreendedorismo climático e micro e pequenas empresas
- 29) Bioeconomia e biotecnologia
- 30) Integridade da informação em assuntos climáticos

COP30  
AMAZÔNIA

Fonte: COP30

# RESPEITO E RECONHECIMENTO

FOTO DANIEL DE ANDRADE SIMÕES

O respeito e o reconhecimento para com aqueles e aquelas que dedicaram suas vidas ao jornalismo gaúcho é uma das marcas do Sindicato de Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul (SindJoRS). Nesse sentido, no período de junho a setembro deste ano, o SindJoRS fez singelas, mas merecidas homenagens a quatro profissionais que faleceram no referido quadrimestre: Célia Ribeiro, Daniel de Andrade Simões, Luis Fernando Verissimo e Ruy Carlos Ostermann. Fica aqui a gratidão à contribuição que esses profissionais deram ao jornalismo do Rio Grande do Sul e do Brasil.



# LUIS FERNANDO VERISSIMO

FOTO DULCE HELFER

“Só há o agora. Tempo passado é lembrança e tempo futuro é adivinhação. Só o presente é tempo legítimo.”

“Todo o mundo tem amor-próprio, se bem nem sempre seja correspondido.”

“Sou um cético total, mas aberto a revelações.”

“O cinismo é a ironia com poder - ou a ironia no poder.”

“Neoliberalismo é o capitalismo selvagem com porte de armas e habeas-corpus preventivo.”

“Um dia é da notícia, o outro é do desmentido.”

“Vírgulas são como confeitos num bolo, a serem espalhadas com parcimônia nos lugares onde ficam bem e não atrapalhem a degustação.”

“O que mantém nossa fé na democracia representativa é a esperança, seguidamente frustrada mas sempre renovada, de que os bons prevalecerão sobre os ruins.”

Título do Livro: Verissimas, Frases, reflexões e sacadas sobre quase tudo

# Ruy Carlos Ostermann

## Morre ícone do jornalismo esportivo, aos 90 anos



O Sindicato de Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul (SindJoRS) lamentou o falecimento de Ruy Carlos Ostermann, um dos mais respeitados comentaristas esportivos do Brasil, aos 90 anos

**N**ascido em 1934, Ostermann teve uma carreira marcada pela inteligência, elegância e profundidade de análise, tornando-se referência no jornalismo esportivo nacional. Sindicalizado desde 15 de outubro de 1959, Ruy Carlos Ostermann dedicou mais de seis décadas à comunicação, influenciando gerações de jornalistas e apaixonados por esporte. Sua trajetória foi marcada por passagens memoráveis em veículos como a Rádio Gaúcha, RBS TV e Zero Hora, onde sua voz e suas palavras se tornaram sinônimo de credibilidade. Ruy Carlos Ostermann foi 1º vice-presidente do SindJoRS, na diretoria do presidente Antônio Manoel de Oliveira, entre 1977 e 1980.

O velório foi realizado em 28 de junho, sábado, na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. O Sindicato de Jornalistas Profissionais do RS manifestou sua solidariedade à família, amigos e colegas de profissão, destacando a importância de Ostermann para a história do jornalismo brasileiro.

Nascido em 1934, Ostermann teve uma carreira marcada pela inteligência, elegância e profundidade de análise, tornando-se referência no jornalismo esportivo nacional.

## OSTERMANN O GÊNIO DA FALA

**JOSÉ LUIZ CHIARELLI**

**P**rofessor de filosofia. Mestre da escrita. Maestro da cultura, do esporte e da leitura. Seus olhos sempre brilharam nos milhares de livros que leu. Gênio da fala!

Jornalista ético, profissional de muita credibilidade, um intelectual, homem culto. Uma referência na comunicação nacional. Cronista da vida e do esporte. Criterioso, ativo nos reparos que fazia aos clubes, times, jogadores de futebol e atletas.

Ruy foi um homem de gosto exigente, adorava literatura, cinema, teatro, música, esporte,

de preferência tudo de muita qualidade. Mas do alto do pedestal, do seu grandioso palco, sabia com simplicidade, descer degraus para observar, conversar com pessoas comuns. Numa das suas muitas frases eloquentes e certeiras, disse: “Nada contra as pessoas simples, elas fazem falta, em meio a cidadãos tão presunçosos, arrogantes, convencidos, vaidosos, sem nenhuma razão de ser.”

### O ELOGIO E O CONSENSO

Num de seus discursos na Assembleia Legislativa do Estado, quando recebeu a medalha do

Mérito Farroupilha, em dezembro de 2011, discorreu sobre o significado do gesto: “Toda homenagem é justa e demasiada ao mesmo tempo, mas torna o ser humano que a recebe, uma pessoa melhor. Eu agradeço muito, nada que fiz, fiz por reconhecimento. Mas estar aqui onde fui deputado, me realiza e me faz bem.”

A propósito, Ruy confessou que um dos mais importantes ensinamentos que teve na vida, não foi como professor ou jornalista, foi como deputado: “Aprendi uma das palavras mais bonitas existentes na política, o consenso. Aprendi

a ouvir as pessoas, a levar em consideração o que elas dizem e a compreender a busca pelo entendimento. A grande realização é quando todos cedem e todos acabam ganhando. Aqui, eu tive que sentar, ser igual a todos e saber que as minhas ideias não eram únicas.”

Não lembro quem me indicou para trabalhar com o Ruy em Porto Alegre. Acho que foi a tia Alda Serpa Chiarelli que interferiu através do radialista João Carlos Belmonte. Não conhecia o Ruy, só registros na faculdade de jornalismo, Famecos da Puc, sobre sua “guerrilha” como diretor do jornal da Caldas Júnior, Folha da Manhã, em defesa da liberdade de expressão, contra a censura nos tempos da ditadura militar no Brasil. Aliás, o professor tinha uma máxima contundente sobre a leitura: “jornalista que não lê, escreve, mas não tem qualidade”.

### O PSICÓLOGO E UMA AMIZADE

Em 1980, eu trabalhava no jornal Folha da Tarde e fui integrar a equipe de esportes da rádio Gaúcha sob o comando do Ruy. Aí, começou nossa amizade de quarenta e cinco anos. O professor já havia sido contratado pela RBS, rádio Gaúcha, para fazer frente a liderança de audiência incontestável da rádio Guaíba. Ruy não era apenas o diretor de esporte e comentarista, Mas, ele se preocupava com os problemas de seus subordinados, era o psicólogo da “irrequieta” equipe, formada por Haroldo de Souza, Pedro Ernesto, Darci Filho, Wianey Carlet, Roberto Brauner, João Garcia, Enio Melo, Kenny Braga e outros.



Sindicalizado desde outubro de 1959, Ostermann dedicou mais de seis décadas à comunicação, influenciando gerações de jornalistas

Futuramente o professor foi convidado para ser comentarista de futebol da TV Globo. Ruy declinou para preservar a organizada vida profissional da família.

### ANDANÇAS NO RIO DE JANEIRO

No Rio de Janeiro, fui um misto de parceiro, produtor e escudeiro do professor. Sempre que vinha, nossas andanças eram super agradáveis. O Rio sempre foi muito gentil com o

Ruy, ele reconhecia isso. Lembro dele brilhando no programa da tv Educativa, Sem Censura, sob o comando de Leda Nagle. Ele entusiasmou com sua expressiva fala ao jornalista Pedro Bial, no programa Espaço Aberto, da Globo News. E muitas vezes nos programas esportivos do canal Sportv. No Bem Amigos, comandado por Galvão Bueno. Aliás, o narrador disse que Ruy foi um gigante da comunicação e como é triste saber que não

mais poderá beber da sabedoria do professor.

Ainda no Rio, vivemos momentos felizes, como o lançamento na livraria Argumento em Ipanema, do livro O Nome do Jogo. Ruy acompanhado pela filha Cristiane, ficou feliz com as presenças significativas, como o escritor e jornalista Ruy Castro.

Para finalizar, a participação no teatro Municipal no Grande Prêmio da Música Popular Bra-

sileira e no auditório do Museu de Arte Moderna num evento esportivo, Os Melhores do Ano no futebol brasileiro. A propósito, o professor comentou: “Nós, nesses eventos de terno e engravatados, isso sim é uma raridade.”

### O PROFESSOR EM URUGUAIANA

Ruy escreveu que tinha uma simpatia por Uruguiana

por causa de amigos, entre os quais Fernando Moura, Torico Guimarães e o meu primo Francisco Jacques Machado, que foi colega do Ruy no curso de Filosofia da UFRGS. Francisco contou que o professor foi um superdotado, um leitor voraz, lia, absorvia e debatia com os professores. Como um radialista esportivo argumentava sobre o filósofo Jean Paul Sartre, com a leveza de como estivesse tomando um chope gelado?

Não esqueço de duas visitas à nossa cidade. Uma vez como convidado especial do uruguaiano Ventura La Hire Gutierrez para um churrasco de carne bovina, método tradicional, assado de couro, por 24 horas. E em 1985, o professor acompanhado da filha Fernanda, aplaudiu na décima quinta Califórnia da Canção Nativa, a vitória de Jerônimo Jardim com Astro Haragano.

### A DESATENÇÃO DO TEMPO

Adaptando uma frase do próprio professor, em dezembro de 1993, numa coluna de jornal com o título Eternidade, chegamos a triste realidade: Ruy, 90 anos, precisava de cuidados especiais para sua saúde. Ele sofreu a desatenção do tempo, sempre decidido a declarar alguma coisa sobre as perfeições do homem.

O gênio da fala, lá no céu, ao lado da mulher de sua vida, Nilce Wink Ostermann, por certo, levou na mente uma criativa oratória para encantar os Anjos.

Salve Ruy Carlos Ostermann!

# JORNALISTA CÉLIA RIBEIRO MORRE AOS 96 ANOS

A jornalista e escritora Célia Ribeiro morreu no dia 25 de setembro, em Porto Alegre, aos 96 anos, após ficar internada alguns dias no Hospital Moinhos de Vento. A informação foi confirmada pela consultora de comunicação e neta de Célia, Laura Schirmer. A causa da morte foi natural, segundo o hospital. O velório e sepultamento foram abertos ao público.

Nascida em Porto Alegre, em 1929, e ao longo da trajetória profissional, virou sinônimo de elegância e requinte. Formou-se em filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mas dedicou 60 anos de vida ao jornalismo de moda. Célia iniciou sua trajetória no Clube de Teatro da UFRGS, mas trocou os palcos pela crítica teatral nos jornais. Desde então, construiu uma sólida carreira no jornalismo gaúcho, com passagens marcantes pelo Diário de Notícias, Revista Donna, Zero Hora, onde atuou por mais de 50 anos. Célia também colaborou com a Revista do Globo, Revista Cláudia. Trabalhou ainda no Correio do Povo e na Rádio Guaíba.

Foi pioneira na televisão do Rio Grande do Sul, com presença marcante por mais de duas décadas em programas como Desfile na TV, No Mundo da Mulher e Programa Célia Ribeiro, que uniam crônica social, entrevistas e cultura. Também deixou sua marca no Jornal do



ACERVO PESSOAL

A jornalista e escritora construiu uma sólida carreira no jornalismo gaúcho e virou sinônimo de elegância e requinte

Almoço da RBS TV.

Autora de mais de dez livros — muitos deles best-sellers — abordou com elegância temas como etiqueta, história, turismo e gastronomia. Sua escrita ajudou a moldar comportamentos,

inspirar leitores e aproximar gerações. Célia Ribeiro deixa um legado de inteligência, sofisticação e profundo respeito ao jornalismo e a cultura. Foi casada com o jornalista e escritor Lauro Schirmer, morto em 2009.

# FOTOJORNALISMO SE DESPEDE DE DANIEL DE ANDRADE

O jornalista Daniel de Andrade Simões nasceu em 30 de janeiro de 1948, em Rio Real (BA) e atuou por décadas como fotógrafo profissional, tendo realizado várias exposições e escrito alguns livros.

Durante a ditadura civil-militar de 1964, ele esteve exilado no Chile e na França. Em Moçambique, atuou na Agência de Informação Moçambicana (AIM) e em 1980, após a anistia, trabalhou no Coojornal, na RBS e como free lancer em outros veículos de imprensa. Era sindicalizado ao SindJoRS desde 16 de julho de 1980.

“Fotografia e solidariedade. Encontrei na fotografia meu jeito de ser humano, ficar ao lado dos que lutam por justiça e liberdade. Ela é por si mesma, história, basta um clic e uma mente inquieta”, escreveu Daniel Andrade em sua página do Facebook expressando um pouco de seus ideais de vida.

Nascido em 30 de janeiro de 1948, na Bahia, Daniel atuou por décadas como fotógrafo profissional



ACERVO PESSOAL

# REGISTROS FOTOGRÁFICOS

ROGÉRIO SOARES



ROGÉRIO SOARES

ROGÉRIO SOARES

Sensibilidade, beleza e olhar aguçado definem trabalho de

## ROGÉRIO SOARES

JORGE LEÃO

FOTOJORNALISTA E DIRETOR DO SINDJORS

**A** apaixonado por fotojornalismo desde a adolescência, Rogério frequentava a Livraria do Globo para acompanhar as revistas de foto-reportagens, e vendeu o Fusca que ganhou ao completar 18 anos para montar seu primeiro estúdio de revelação. Formado em Jornalismo, atuou sempre como repórter fotográfico, em jornais como

Diário Catarinense, Zero Hora e Correio do Povo. Ainda lecionou Fotografia e Semiótica em diversas universidades do Sul do país. Recebeu os prêmios ARI de Fotojornalismo, em 1995, e do Festival de Cinema de Gramado, em 1986, pela Fotografia do filme 'A Casa Tomada', na categoria Super-8.

Rogério Soares nasceu em Porto Alegre, em 1962, e ainda na adolescência cursou Fotografia no Senac. É graduado em Jorna-

lismo pela Unisinos e mestre em Semiótica. Como fotógrafo tem produzido material jornalístico e também registros da cena cultural porto-alegrense, do cotidiano e ensaios. Atuou como fotojornalista nos jornais Diário Catarinense, Zero Hora e Correio do Povo. Lecionou Fotografia e Semiótica em universidades como Unisinos, ESPM Sul, IPA, Uniritter, UCS e Univali.

**Rogério Soares falou sobre o poder da imagem e o futuro da fotografia frente à inteligência artificial.**

**VJ:** A fotografia, desde sua invenção no século XIX, sempre esteve intrinsecamente ligada à tecnologia. A busca incessante por capturar imagens com mais nitidez, cores vibrantes e em diferentes condições de iluminação impulsionou o desenvolvimento de diversos avanços tecnológicos, como lentes, películas e sensores cada vez mais sofisticados. Qual tua opinião sobre essa relação simbiótica entre fotografia e tecnologia, desde seus primórdios até a era digital, com ênfase em como a inteligência artificial (IA) está revolucionando o campo da fotografia?

**RS:** O avanço tecnológico sempre permeou o inconsciente coletivo nas mais variadas áreas. Na fotografia não foi diferente. Desde o advento das placas de vidro emulsionadas com sal de prata, até os quase que ilimitados recursos da fotografia digital e sua mais nova “cumplíce” – a IA – o objetivo em dominar a captação de imagens sempre foi um desejo natural. O problema a meu ver persiste no fato de que os “fotógrafos” de hoje parecem estar mais interessados num resultado plástico muito distante de uma imagem de caráter indicial. Entendo que a câmera não mais é vista como o primordial aparelho de visão, mas somente uma ferramenta de captação a serviço de fazer maior, operado na tela do computador. Assim a imagem fotográfica é sorrateiramente substituída por uma “pintura” cujo principal suporte é o “ecrã” do computador. Disso resultam imagens asséptica e inverossímeis.

**VJ:** A criatividade

de e a tecnologia estão repensando o uso de todos os dispositivos, desde a forma de capturar até a forma de editar e divulgar essas imagens. A fotografia está presente em todos os momentos e os usuários estão explorando todas as tendências, levando a arte da fotografia a um novo nível de instantaneidade e criatividade. Concordas?

**RS:** Concordo plenamente quando dizes que existe um notório movimento na busca de novos paradigmas sobre o que é arte. No entanto receio que esta “revolução” careça de autores interessados em apresentar trabalhos autênticos, frutos de um olhar virtuoso, alheio aos modelos padronizados e banalizado oferecidos pela tentação dos infundáveis “prompts”.

ROGÉRIO SOARES



# “EBC não atua com 50% do seu potencial”

## avalia pesquisador de Comunicação

Docente da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e diretor da Intercom Nordeste, Richard Santos traça panorama de desafios para a comunicação pública no Brasil

**ISABEL CLAVELIN**  
DIRETORA DO SINDJORS  
E COORDENADORA DO NÚCLEO DE  
JORNALISTAS AFROBRASILEIROS

Os rumos da Empresa Brasil de Comunicação (EBC) voltam a ser pauta do Versão. Desta vez, são expostas as avaliações de Richard Santos, pesquisador, docente e extensionista da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) e diretor da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) Nordeste. Ele considera que o paradigma de comunicação pública no Brasil, que seria alavancado pela criação da EBC, ainda não se consolidou. Menciona como obstáculos: fragilidades decorrentes desde a fundação da empresa, em 2007, em contexto de hegemonia da comunicação privada em termos de audiência e articulação política no Parlamento federal vinculada aos interesses de conglomerados de mídia, instabilidade política do governo federal com desinvestimento público na comunicação pública e precarização das condições de trabalho.

Os 18 anos da EBC, a serem completados em outubro deste ano, chegam com ares desafiadores para a vida adulta e quicá longevidade como principal modelo de comunicação pública

no país. Na edição anterior do Versão, fazia mais de seis meses de conselhos eleitos não empossados na EBC, conforme entrevista da presidenta da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), Samira de Castro. Em junho, houve ato de instalação popular dos comitês em ação articulada pela Fenaj e outras representações de movimentos sociais. Finalmente, em julho houve a posse dos conselhos, sendo o de participação social retomado após nove anos de extinção, em 2016.

A trajetória da EBC vem sendo abalada, segundo Richard Santos, pelo campo político em detrimento do foco na cidadania e no interesse público. Os retrocessos remontam “ao período Temer-Bolsonaro, mas começou no governo Dilma. Acirrou-se e deteriorou-se no governo Temer e Bolsonaro. No Brasil, não se consolida desde a idealização de 2007: comunicação pública, participativa e diversa. Há, ainda, disputa de capital, financeira, sobre o que é aportado para a comunicação pública e o que deixa de ser. Hoje, a EBC não atua com 50% do seu potencial”, considera Santos. Ele frisa que tem prevalecido a “deterioração da participação democrática e representação da sociedade civil na EBC por órgãos de gestão, administração e assessoramento”



ACERVO PESSOAL

Richard Santos

em desatenção “ao principal financiador: a cidadania”.

Além da tentativa de privatização, Santos constatou uma operação para desmantelamento da estrutura da comunicação pública nos estados. “É importante lembrar: Bolsonaro iria privatizar a EBC. Já tinha um edital. Havia uma estrutura para privatizar a EBC. Quando não conseguem fazer isso, há desmonte nos estados para reduzir o potencial da EBC”. A percepção decorre da situação do Rio Grande do Sul com a extinção da Fundação Piratini. A exceção é observada na Bahia em que, segundo o pesquisador, a “IRDEB” é a melhor televisão pública estadual do Brasil. A programação concorre a par e passo com grandes emissoras. A TVE alcança o segundo lugar e, dependendo do programa, disputa o primeiro lugar”, salienta.

Richard chama a atenção para a correspondência entre “democracia de alta densidade com comunicação pública forte e estimulada”. Ressalta que a “comunicação pública é diferente de governamental”, assim como da mídia comercial, pois “há pluralidade de ideias não mediadas pelo mercado”. Outro aspecto é que a “comunicação pública impulsiona a pensar direito, cidadania e formação e o que

queremos enquanto presença no mundo”, completa.

O pesquisador enfatiza o cenário de ameaças para a comunicação pública decorrente de “projeto organizado, no mundo ocidental e daqueles que têm influência no mundo ocidental, como Brasil e Argentina”. Ao país vizinho, ele credita à comunicação pública “a outorga de canais para províncias longínquas, localizadas no Sul e Extremo Sul da Argentina, que não tinha acesso a rádio e TV antes da empresa pública de comunicação. Somente comunicação a cabo. Com a outorga da comunicação pública, surgiram canais universitários, comunitários e banda digital. Não interessava à elite de Buenos Aires, independente do espectro político, porque a mídia mobiliza a cidadania apagada”, explica.

Santos percebe certa sinergia entre os retrocessos na comunicação pública na Argentina e no Brasil. “Macri, quando entrou na Argentina, começou o desmonte que vivíamos no governo Dilma. Macri, centro direita, Dilma, centro esquerda. Milei acaba definitivamente com sistema público em geral, e comunicação, em especial, correspondente a coronéis e gerais dirigentes na EBC não conseguiram realizar, mas enfra-

queceram muito dentro do Brasil e fora dele”, contextualiza.

O professor afirma que os governos deveriam desempenhar o papel de agentes indutores da comunicação pública. No Brasil, “a TV Brasil nacional e internacional, rádios e agência serviriam como soft power para o Brasil, como a BBC. As tevês públicas de Angola e de Portugal são cases de sucesso”, analisa. Entretanto, a comunicação pública brasileira depara-se com uma série de problemas: precarização ao longo dos anos, não recomposição de pessoal, equipamento, tecnologia. Há, ainda, plano de demissão voluntária, produções sem verba, tecnologia para transmitir e se desenvolver. “Profissionais com sucesso na TV privada estão sendo levados para a TV pública e rádio pública para ganhar audiência; se consolida imagem a partir da precarização dos servidores públicos. Há um sufocamento desses profissionais. A EBC é feita de seres humanos, que precisam ser valorizados”, diz.

No cenário político para 2026, Santos identifica no campo de eventual extrema direita a premente ameaça à EBC devido ao perfil “de grupo entreguista, ligado a interesses euro-americanos e estadunidenses. O interesse é acabar com a EBC, privatizar e potencializar o capital privado”. Em caso de reeleição do presidente Lula ou outra apresentação de esquerda, Santos destaca como estratégica uma espécie de “mea culpa esquerda, que se apega ao poder e práticas pouco plurais e não democráticas que não espriam o poder. Poder corrompe não só na troca de dinheiro e verba, financeiro. Mas, poder corrompe ideologicamente”, pondera.

# ACONTECEU

MATEUS AZEVEDO

## COMISSÃO ESTADUAL DE ÉTICA DO SINDJORS TOMA POSSE

■ No dia 20 de outubro, de forma virtual, a Comissão Estadual de Ética, do SindJoRS, realizou a reunião de posse dos seus membros. A composição do colegiado ficou composta da seguinte forma: Pedro Osório (presidente), Renato Dornelles (vice-presidente), Ilza Girardi (secretária) e Telia Negrão (suplente). A comissão realizou a primeira reunião, no dia 28 de outubro, de forma presencial, na sede do SindJoRS onde participaram Vera Daisy Barcellos, Paulo Gasparotto e Moisés Mendes que também integram a Comissão.

## SINDJORS LANÇA PROJETO PARA FORTALECER VÍNCULOS COM FACULDADES DE JORNALISMO

■ O SindJoRS, através do Núcleo de Trabalho Universidades e Estudantes, promoveu uma série de diálogos com professoras e professores e alunas e alunos de diversos cursos de Jornalismo de instituições de ensino superior do estado nos dias 23/10, 30/10 e 06/11 de forma virtual. O objetivo desses encontros, denominados de “Diálogos Universitários”, é construir, coletivamente, ações

de cooperação mútua entre o SindJoRS e as universidades do RS.

### CALENDÁRIO

- 23/10, a partir das 15h, com docentes;
- 18/11, a partir das 15h, com discentes;
- 25/11, a partir das 15h, com docentes e discentes.

## SINDJORS ELEGE TESE E DELEGAÇÃO AO 40º CONGRESSO NACIONAL DE JORNALISTAS

■ No dia 14 de outubro, o SindJoRS realizou assembleia ordinária para a escolha de delegadas e delegados ao 40º Congresso Nacional dos Jornalistas, promovido pela Fenaj, que vai acontecer de 10 a 13 de dezembro, em Brasília (DF), e debaterá temas relevantes à categoria. Na oportunidade, também foi aprovada uma tese que defende a diminuição da carga horária de jornalistas no serviço público sem redução salarial, além da defesa da profissão como uma atividade de Estado e não de governo. Foram eleitos cinco delegados à etapa nacional: André Zenobini Nascimento (2º tesoureiro); Letícia Castro (Núcleo de Comunicação e Secretaria de Mobilização em Assessoria de Comunicação da Fenaj); Mateus Azevedo (1º secretário executivo e

responsável pelo Núcleo de Delegacias Regionais; Silvia Fernandes (1ª tesoureira) e Stela Pastore (Núcleo de Relações Institucionais e Vice-presidência Sul da Fenaj).

## A FORÇA DA MEMÓRIA: 20 ANOS DO LIVRO NEGRO EM PRETO E BRANCO

■ O Mercado Público de Porto Alegre, que neste ano celebra 156 anos de história, recebeu, até o dia 08 de outubro de 2025, a exposição A Força da Memória: 20 anos do livro Negro em Preto e Branco – História Fotográfica da População Negra de Porto Alegre. A mostra reúne imagens em preto e branco que afirmam a trajetória da população negra porto-alegrense, evocando álbuns de família, lembranças coletivas e a força da fotografia como ferramenta de reparação e valorização da memória. Os textos do livro são assinados pela jornalista Vera Daisy Barcellos, que é representante da Comissão Estadual de Ética, do SindJoRS, com participação de Silvia Abreu na montagem e divulgação da publicação original, e revisão de Oliveira Silveira, professor e poeta, preponente do 20 de Novembro – Dia da Consciência Negra, data que se contrapõe ao 13 de maio e que marcou definitivamente a luta do movimento negro brasileiro. Nesta exposição, Irene Santos, Vera Daisy Barcellos, Silvia Abreu e Oliveira Silveira são

especialmente homenageados, assim como todas as 100 famílias que doaram suas fotografias pessoais para a construção desse acervo afetivo e histórico, além das personalidades que assinam os textos.

## DIRIGENTE DO SINDJORS FALA SOBRE SAÚDE MENTAL PARA PROFESSORES E ALUNOS DA UNIPAMPA

■ No dia 06 de outubro, o SindJoRS participou de uma roda de conversa on-line com professores e acadêmicos do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), de São Borja, denominada “Saúde mental e jornalismo internacional”. A atividade teve a participação de 23 pessoas e foi ministrada pela jornalista, escritora, terapeuta ericksoniana, diretora do SindJoRS e responsável pelo Núcleo de Saúde Mental e Qualidade de Vida, Mônica Cabañas.

## ISRAEL BOMBARDEIA TENDA DE ONDE JORNALISTAS PALESTINOS CONVERSARAM COM COLEGAS BRASILEIROS

■ No dia 25 de setembro, cerca de 50 jornalistas brasileiros e 20 palestinos, direto de Gaza, participaram da roda de conversa virtual promovida pela Fenaj e

Embaixada da Palestina. Na reunião foi falado sobre a situação da imprensa e do povo palestino diante dos quase dois anos de ataques de Israel. Meia hora após a reunião, a tenda que era um Centro de Solidariedade de Jornalistas em Gaza foi bombardeada pelas forças israelenses. A informação foi repassada pelo presidente do Sindicato dos Jornalistas Palestinos (PJS), Naser Abu Baker, ao embaixador da Palestina no Brasil, Ibrahim Alzeben. No encontro online, foram ouvidos os relatos dos líderes sindicais Naser Abu Baker e Tahseen al Astal (vice-presidente do Sindicato dos Jornalistas Palestinos em Gaza) e mais nove jornalistas com atuação na Faixa de Gaza. Eles apresentaram números que comprovam que a imprensa palestina é um alvo prioritário de Israel.

## SINDJORS REALIZA REUNIÕES COM INTERMEDIADORAS DE ESTÁGIOS NO ESTADO

■ O SindJoRS realizou reuniões com representantes da Associação de Integração Empresa Escola (INTEGRAR-RS) e do Centro de Integração Empresa Escola (CIEE-RS). Essas entidades atuam na intermediação de contratos entre estudantes e empresas e os encontros aconteceram, nos meses de agosto e setembro, de forma virtual. O objetivo desta ação foi a defesa do cumprimento da legislação vigente e da

qualidade na atuação de estagiários e estagiárias que são fiscalizadas pelo Sindicato de Jornalistas Profissionais no Estado do Rio Grande do Sul (SindJoRS).

## SINDJORS CELEBROU OS 83 ANOS DA ENTIDADE

■ No dia 23 de setembro, o SindJoRS celebrou 83 anos de fundação. Para marcar esta trajetória de lutas e conquistas, a entidade preparou uma programação especial que uniu debates relevantes, lançamento de publicações e um momento de confraternização entre colegas da categoria.

Fundado em 1942, o SindJoRS é um dos sindicatos mais antigos do Rio Grande do Sul e representa um marco na defesa da liberdade de imprensa, dos direitos trabalhistas e da valorização do jornalismo profissional. Em 83 anos de história, atravessou períodos desafiadores como os 21 anos da ditadura militar, quando enfrentou duramente a censura, e viu colegas como Vladimir Herzog serem vítimas da repressão.

## EM LIVE, SINDJORS LANÇA CADERNO ESPECIAL SOBRE A COBERTURA DA COP 30

■ Como parte da programação comemorativa o SindJoRS promoveu a live sobre cobertura jornalística na Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças

# ACONTECEU

MATEUS AZEVEDO

Climáticas COP 30, no dia 23 de setembro, às 9h30min, através do YouTube e de suas redes sociais. O objetivo desta conversa, promovida pelo Sindicato em parceria com o Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul (NEJ), é dialogar sobre o trabalho dos profissionais de comunicação na COP 30, evento que será realizado em novembro de 2025, em Belém – pela primeira vez na Amazônia. “Discutir o clima é também discutir o futuro da informação e o papel do jornalismo na mediação de debates públicos essenciais”, ressalta Laura. Participam do debate as jornalistas Ilza Girardi, Mônica Cabañas e Sérgio Pereira. A mediação será da 1ª vice-presidente do SindJoRS, Katia Marko. Produzido por jornalistas especializados em jornalismo ambiental, o material visa fortalecer a cobertura climática com:

Informações estratégicas e atualizadas sobre a COP 30;

Dicas de colegas experientes

Orientações para uma abordagem ambiental qualificada;

Fala do presidente da COP 30, embaixador André Aranha Corrêa do Lago. Assista também a live sobre o tema em nosso canal no YouTube:

<https://tinyurl.com/Versao83anosSindJoRSCOP30>

## POSSE FESTIVA DA NOVA DIRETORIA E ANIVERSÁRIO DO SINDJORS

■ Em evento no dia 27 de setembro, carregado de emoção e de simbolismos, a diretoria do Sindicato de Jornalistas do Rio Grande do Sul (SindJoRS) celebrou seu aniversário de 83 anos e festejou oficialmente o início da Gestão 2025/2028, “Coragem: nós podemos mais”, que será marcada pela luta constante na manutenção e na conquista de novos direitos para toda a nossa categoria. As atividades ocorreram nesse sábado, 27 de setembro, no Resto El Pesto, um espaço conhecido tanto por sua culinária uruguaia quanto por seu compromisso com a cultura democrática, com a presença de integrantes da Diretoria Executiva, Diretoria Geral, Conselho Fiscal, Comissão de Ética, ex-presidentes e colegas jornalistas. Também compareceram o Escritório Contábil Cardeal, com a presença de Sueli Cardeal, o Escritório Direito Social, representado pelo advogado Antônio Carlos Porto Jr, acompanhado da psicóloga Ana Luiza Castro, o Sintrajufe/RS, que participou com seu diretor da Secretaria de Comunicação, Marcelo Carlini, e a Central Única de

Trabalhadores (CUT/RS) na presença de seu presidente, Amarildo Cenci

## TJRS DECIDE PELA REINTEGRAÇÃO DE JORNALISTA AO SERVIÇO PÚBLICO

■ O SindJoRS informa sobre a sentença proferida pelo Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul (TJRS) em que a instituição determina a reintegração nos quadros efetivos da Prefeitura de Gravataí do servidor público e jornalista do referido município, Dolcimar Luiz da Silva. Dolcimar, que é membro suplente do Conselho Fiscal do SindJoRS, foi demitido, por decisão do prefeito de Gravataí, em janeiro de 2024. O jornalista foi acusado de assédio sexual contra uma colega de trabalho, onde durante o Processo Administrativo Disciplinar (PAD) instaurado para investigar o caso não houve prova alguma da acusação.

## VICE-PRESIDENTE DO SINDJORS ASSUME A COORDENAÇÃO GERAL DO FNDC

■ O Fórum Nacional de Democratização da Comunicação (FNDC) elegeu uma nova Coordenação Executiva, além dos Conselhos Deliberativo e Fiscal para o biênio 2025/2027 no dia 10 de setembro, durante a 26ª Plenária Nacional da entidade, ocorrida no Sindicato dos Bancários,

em Fortaleza (CE). E quem assumiu o comando do fórum foi a vice-presidente do SindJoRS e representante do Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC), Katia Marko.

## DELEGACIA DE RIO GRANDE REALIZA AUDIÊNCIA COM PREFEITA DO MUNICÍPIO

■ Os membros da Delegacia de Jornalistas da Cidade de Rio Grande André Zenobini, Andréa Müller e Michele Rossetini realizaram audiência com a prefeita do município, Darlene Pereira, no dia 26 de agosto. Os integrantes da delegacia, que está vinculada ao SindJoRS, reivindicaram a equiparação salarial de três jornalistas servidores públicos da prefeitura ao piso da categoria na capital; a ampliação de profissionais da área da comunicação no Executivo e o apoio institucional e dos agentes políticos à Proposta de Emenda à Constituição que defende a retomada do diploma para o exercício da profissão, conhecida popularmente como PEC do Diploma.

## “NÃO VÃO NOS CALAR! PAREM DE NOS MATAR!”

■ Em 01 de setembro, o SindJoRS integrou à campanha mundial denominada “Não vão nos calar! Parem de nos matar”, em denúncia do assassinato de 246 jornalistas, à época, em Gaza. Segurando cartazes e computadores, vários e

várias jornalistas do SindJoRS denunciaram o que acontece na Palestina e reivindicaram o fim desse genocídio.

## SINDJORS DEFENDE O JORNALISMO PROFISSIONAL EM SANTA MARIA

■ O Sindicato de Jornalistas Profissionais no Estado do Rio Grande do Sul (SindJoRS) utilizou o espaço Tribuna Livre, durante a sessão plenária da Câmara de Vereadores de Santa Maria, no dia 21 de agosto. Os oradores foram o servidor municipal e 1º secretário executivo e responsável pelo Núcleo de Delegacias Regionais, Mateus Azevedo, e a servidora municipal e integrante da coordenação do Movimento Municipários em Luta, Lionara Paim Marinho. As manifestações trataram da defesa do jornalismo profissional, do fortalecimento da comunicação pública, da contrariedade à reforma da previdência proposta pelo executivo municipal, entre outras.

## SINDJORS REÚNE COM A COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO DA UFSM

■ O 1º secretário e responsável pelo Núcleo de Delegacias Regionais do Sindicato de Jornalistas Profissionais no Estado do Rio Grande do Sul (SindJoRS), Mateus Azevedo, foi recepcionado pela coordenadora do curso de Jornalismo da Universidade Federal de

Santa Maria (UFSM), Luciana Carvalho, na tarde desta terça-feira (19), nas dependências do prédio 21. A reunião versou sobre pautas como a possibilidade de cooperação mútua institucional e a defesa do diploma para o exercício da profissão.

## MAIS DE 200 MULHERES PARTICIPAM DE CONFERÊNCIA LIVRE

■ A Comissão de Mulheres da Fenaj realizou a 1ª Conferência Livre das Mulheres Jornalistas no dia nove de agosto. A atividade aconteceu em formato virtual e reuniu mais de 200 participantes, entre jornalistas, lideranças sindicais, especialistas e autoridades. O ponto alto da conferência, além dos debates, foi a presença da ministra das Mulheres, Márcia Lopes. O SindJoRS teve quatro representantes na conferência. Em sua manifestação, a jornalista responsável pelo Núcleo de Diversidade e Gênero, escritora e militante feminista, Niara de Oliveira, observou a narrativa misógina present em uma parcela da cobertura jornalística. “A linguagem que usamos para narrar as histórias importa. Precisamos romper com padrões que desrespeitam e invisibilizam as mulheres, e isso exige enfrentamento diário dentro e fora das redações”. Além de Niara, estavam presentes a presidenta do SindJoRS, Laura Santos Rocha, a responsável pelo Núcleo de Comunicação, Letícia Castro, e a suplente da Comissão Estadual de Ética, Telia Negrão.

# ACONTECEU

MATEUS AZEVEDO

Durante a conferência, foram aprovadas algumas pautas, como a defesa da comunicação como um direito humano, com a regulação democrática da mídia e das plataformas digitais, garantindo controle social, responsabilização por práticas misóginas e mecanismos de denúncia, fiscalização, formação e educação midiática transversal para enfrentar a violência simbólica de gênero; ações afirmativas na perspectiva de ampliar a presenças das mulheres nos espaços decisórios e a implementação de campanhas permanentes e ações educativas voltadas à desconstrução de estereótipos de gênero. As participantes também aprovaram moções em defesa da lei de Igualdade Salarial (Lei 14.611/2023), da ratificação da Convenção 190 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre violência e assédio no trabalho, do combate à precarização e “pejotização” no setor, além do apoio à PEC do Diploma para jornalistas, e de aplausos à companheira Kardé Mourão.

## SINDJORS VISITA CURSO DE JORNALISMO DE UNIVERSIDADE EM SANTA MARIA

■ Seguindo a perspectiva de estar mais presente no interior do estado, fortalecendo o

vínculo com a categoria, os sindicatos, as universidades, entre outros, o Sindicato de Jornalistas Profissionais no Estado do Rio Grande do Sul (SindJoRS), através do 1º secretário e responsável pela articulação com as delegacias do interior, Mateus Azevedo, participou de reunião com o jornalista, professor e coordenador do curso de Jornalismo da Universidade Franciscana (UFN), Iuri Lammel, na tarde desta sexta-feira (08), nas dependências da universidade. Na pauta, foram debatidas algumas possibilidades de cooperação entre as instituições. O secretário sindical salientou a intenção do SindJoRS em estabelecer, futuramente, uma parceria de cooperação entre o sindicato e a UFN, tendo como objetivo o fortalecimento do jornalismo profissional.

## SINDJORS REÚNE COM PROFESSORA E ACADÊMICOS DA UNIPAMPA

■ No dia 02 de setembro, o SindJoRS, através do 1º secretário executivo e responsável pelo Núcleo de Delegacias regionais, Mateus Azevedo, reuniu com a vice-coordenadora do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Eloisa

Klein, e com alunos do curso e integrantes do Diretório Acadêmico da universidade. Na oportunidade, foi feita uma roda de conversa em que o dirigente sindical apresentou a estrutura do SindJoRS e respondeu questionamentos da docente e dos discentes.

## FENAJ AVALIA A CAMPANHA SALARIAL UNIFICADA DE 2025

■ A Fenaj reuniu dirigentes sindicais de todo o país, no dia 11 de setembro, para fazer um balanço da campanha salarial de 2025 e iniciar a construção da Campanha Nacional Unificada 2026. O encontro revelou avanços significativos em diversos estados, com alguns reajustes acima da inflação, aumento de benefícios, como vale-refeição e abonos compensatórios, além de identificar pautas ainda em negociação e desafios para as entidades.

## SINDJORS FECHA NEGOCIAÇÃO COLETIVA COM REAJUSTE PELO INPC E ABONO

■ Após cinco reuniões, o SindJoRS, o Sindicato das Empresas Proprietárias de Jornais e Revistas no Estado do Rio Grande do Sul (SindiJoRe) e o Sindicato das Empresas de Rádio e TV do Rio Grande do Sul (SindiRádio) entraram em acordo para a Convenção Coletiva de Trabalho (CCT) 2025/2026, que fez parte da Campanha Salarial Nacional Unificada das/os

Jornalistas 2025 junto à Fenaj. Na reunião realizada em 31 de julho, ficou estabelecido o reajuste em 100% do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) do período, ou seja, 5,20%, a partir da próxima folha de pagamento, com abono linear de R\$ 150. Nas cláusulas sociais, ficou acordado o aumento de um dia em relação ao prazo de afastamento em caso de falecimento de familiar já permitido pelo Art. 473 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). A negociação foi marcada pela dificuldade dos sindicatos patronais chegarem ao índice completo e sem parcelamento, algo que o SindJoRS deixou claro que seria o mínimo.

## NOVA DIRETORIA DO SINDJORS TOMA POSSE

■ No dia 1º de agosto, a nova diretoria do SindJoRS tomou posse para o triênio 2025/2028. A cerimônia aconteceu durante reunião da Diretoria Executiva Ampliada de forma virtual. Os dirigentes deixaram bem claro, durante a atividade, a disposição em enfrentar os desafios da categoria com organização e ação coletiva. Entre as primeiras pautas debatidas, estão a realização de um seminário de gestão e a preparação do aniversário de 83 anos do SindJoRS. A nova direção toma posse assumindo o compromisso de ampliar direitos, fortalecer a representatividade e atrair novas e novas sindicalizadas(os). “O bem-estar, a manutenção

e a conquista de direitos fundamentais, focados na qualidade de vida das e dos profissionais que atuam nas diferentes redações da capital e do interior, seguem como prioridades”, declara a presidenta reeleita do SindJoRS, Laura Eliane Lagranha Santos Rocha.

## COMPOSIÇÃO DA NOVA DIRETORIA

### DIRETORIA EXECUTIVA

#### Presidenta

Laura Eliane Lagranha Santos Rocha

#### 1ª Vice-presidenta

Katia Marko

#### 2º Vice-presidente

Pedro Guilherme Dreher

1ª Secretário Executivo e responsável pelo Núcleo de Delegacias Regionais  
Mateus Azevedo

2ª Secretária Executiva e responsável pelo Núcleo de Estudantes e Universidades  
Thamara Costa Pereira

Núcleo de Relações Institucionais e Vice-presidência Sul – Fenaj  
Stela Pastore

1ª Tesoureira e Comissão Nacional de Ética – Fenaj  
Silvia Fernandes

2º Tesoureiro  
André Zenobini Nascimento

Núcleo de Saúde Mental e Qualidade de Vida  
Mônica Cabañas Guimarães

## Núcleo de Diversidade e Gênero

Niara de Oliveira

## Núcleo de Estudantes e Universidades

Carla Seabra

## Núcleo de Imagem

Jorge Leão

## Núcleo de Comunicação e Secretaria de Mobilização em Assessoria de Comunicação – Fenaj

Letícia Castro

## Núcleo de Assessoria

Luciamem Winck

## DIRETORIA GERAL

- Alexandre Haubrich
- Bel Clavelin, responsável pelo Núcleo de Jornalistas Afro-brasileiros
- Celso Schröder
- Eduardo Silveira
- Elaine Barcellos de Araújo
- Eliane Silveira, responsável pelo Núcleo de Formação
- Jeanice Dias Ramos
- Jonas Tiago Souza Silveira
- Luciane de Oliveira Franco
- Simone Medeiros Ramos

## CONSELHO FISCAL

- Adroaldo Bauer Spíndola Corrêa
- Marcos Santuario
- Ulisses Nenê

## SUPLENTE

- Thaís Bretanha
- Dolcimar Luiz da Silva
- Igor Umberto Sperotto

## EXPEDIENTE



**JORNALISTAS**  
SINDJORS

**Versão de Jornalistas é uma publicação do Sindicato de Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul**

Rua dos Andradas, 1270, 13º andar, sala 133  
Centro Histórico – Porto Alegre/RS – CEP 90020-008  
Fone/whatsapp: (51) 3228.8146  
www.jornalistas-rs.org.br | secretaria@jornalistas-rs.org.br

### **DIRETORIA EXECUTIVA**

#### **Presidenta**

Laura Eliane Lagranha Santos  
Rocha

#### **1ª Vice-presidenta**

Katia Marko

#### **2º Vice-presidente**

Pedro Guilherme Dreher

#### **1ª Secretário Executivo**

Mateus Azevedo

#### **2ª Secretária Executiva**

Thamara Costa Pereira

Stela Pastore

#### **1ª Tesoureira**

Silvia Fernandes

#### **2º Tesoureiro**

André Zenobini Nascimento

Mônica Cabañas Guimarães

Niara de Oliveira

Carla Seabra

Jorge Leão

Letícia Castro

Luciamem Winck

### **DIRETORIA GERAL**

Alexandre Haubrich,  
Bel Clavelin, Celso Schröder,  
Eduardo Silveira,  
Elaine Barcellos de Araújo,  
Eliane Silveira,  
Jeanice Dias Ramos,  
Jonas Tiago Souza Silveira,  
Luciane de Oliveira Franco e  
Simone Medeiros Ramos

### **CONSELHO FISCAL**

Adroaldo Bauer Spíndola Corrêa,  
Marcos Santuario,  
Ulisses Nenê, Thaís Bretanha,  
Dolcimar Luiz da Silva e  
Igor Umberto Sperotto

### **COMISSÃO DE ÉTICA**

Vera Daisy Barcellos,  
Vera Spolidoro, Pedro Osório,  
Moisés Mendes,  
Renato Dornelles, Telia Negrão,  
Carlos Bastos, Ilza Girardi,  
José Antônio Silva e  
Paulo Gasparotto



Nesta Edição teremos encartado o Caderno Especial do Versão de Jornalistas Cobertura Jornalística da COP 30, que foi uma Edição Especial pelo aniversário de 83 anos do Sindicato. O Caderno Especial foi construído pelo SindJoRS em conjunto com o Núcleo de Jornalistas Ambientais do Rio Grande do Sul (NEJ).

**Editora:** Mônica Cabañas  
Guimarães

**Projeto gráfico:** Pedro Dreher

**Textos e reportagens:** Carla Seabra, Isabel Clavelin, Jorge Leão, Jose Luiz Chiarelli, Mateus Azevedo, Mônica Cabañas Guimarães, Pedro Dreher, Pedro Osório, Rodrigo Flores, Sergio Pereira e Stela Pastore

**Revisão:** Letícia Castro e  
Laura Santos Rocha

**Fotografia:** Alexandre Costa, Daniel de Andrade Simões, Dulce Helfer, Raphael Luz, Rogério Soares, Global United Nations Media, Agência do Pará, arquivos pessoais e imagens web de arquivos livres

**Pesquisa:** Lerci Fatima Moura

**Distribuição:** on-line

### **FILIADO**





# Versão de Jornalistas

PUBLICAÇÃO DO SINDICATO DE JORNALISTAS PROFISSIONAIS | RS  
Caderno Especial COP30 | 23 de Setembro de 2025

D · I · G · I · T · A · L



---

## AOS 83 ANOS SINDJORS PARTICIPA DA COBERTURA JORNALISTICA DA COP30

---

PAUTAS IMPORTANTES



DICAS DOS JORNALISTAS

# Jornalismo

## de olho na COP 30

**Ilza Maria Tourinho Girardi é jornalista, integrante do Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul/ Professora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação/UFRGS**



**ILZA MARIA TOURINHO GIRARDI**

De 10 a 21 de novembro o mundo deverá estar com os olhos voltados para Belém, onde ocorrerá a COP 30, conferência que vai mostrar quem realmente está preocupado com as mudanças climáticas e com vontade política de aprovar medidas para a mitigação e enfrentamento dos eventos extremos. A tragédia climática ocorrida no Rio Grande do Sul, pela sua amplitude, foi considerada o maior acontecimento dessa natureza no mundo. Isso alertou a todos e principalmente a imprensa que fez uma grande cobertura. A COP 30 vai mostrar quem é quem e desnudar os discursos do capitalismo verde, economia verde, ESG,

do desenvolvimento sustentável e suas variações para dourar a pílula, além dos negacionistas que estão entre nós.

E o Jornalismo deve estar lá para mostrar para a sociedade o que acontecerá, denunciando as articulações para que tudo continue como está, porque quem decide não está nos grupos fragilizados, como os povos indígenas, ribeirinhos, quilombolas e demais comunidades rurais e urbanas que representam aqueles que pouco são ouvidos. Lamentavelmente os cientistas também representam uma categoria dos que não são ouvidos quando se trata de explorar petróleo na Foz do Amazonas, liberar usi-

nas a carvão, construir estradas ou hidrovias, ou minerar sem levar em consideração o que dizem as comunidades atingidas. Essas sofrem os efeitos da poluição, das invasões em suas terras, das doenças, das queimadas utilizadas como arma para a liberação total. A morte das florestas e campos nativos representa também a morte de toda sociobiodiversidade que vive nesses locais, além de contribuir para acirrar as mudanças climáticas.

Nós jornalistas devemos estar atentos a esse grande momento, em especial à Aldeia da COP, localizada na Universidade Federal do Pará e que abrigará mais de 3mil indígenas de várias

etnias de diversas partes do mundo. O projeto da universidade visa integrar os participantes aos debates que estão na pauta do evento e colocar a justiça climática no centro das decisões.

Este suplemento que comemora os 83 anos do Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande mostra que estamos juntos para construir uma vida sustentável. Nossa profissão tem muita responsabili-

dade para contribuir com a mudança do pensamento dando visibilidade aos temas que colocam a vida em risco. A ética do cuidado nos ajuda a construir mundos melhores para todos os seres.





**Mônica Cabañas é jornalista, escritora, terapeuta Ericksoniana, doutora em Educação e diretora do Sindicato de Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul (SindJoRS)**



# COP30:

## ética ambiental e multilateralismo em tempos de ruptura

**MÔNICA CABAÑAS**

A COP30 se aproxima em meio a um cenário global de crescente instabilidade e onde a confiança entre as nações se esgarça, acordos internacionais são ignorados e a normativa global parece cada vez mais vulnerável aos interesses domésti-

cos. É nesse contexto que o Brasil, anfitrião da conferência climática que será realizada em Belém do Pará em novembro, aposta na diplomacia como instrumento de reconstrução — e na ética como bússola.

Entre os dias 16 e 17 de

setembro, o presidente-designado da COP30, embaixador André Corrêa do Lago, realizou uma missão estratégica em Genebra com o objetivo de ampliar o engajamento internacional e consolidar o protagonismo brasileiro na agenda ambiental

global. A escolha de Genebra como ponto de partida não foi casual: considerada a capital do multilateralismo, a cidade abriga mais de 30 organizações internacionais e é palco de negociações que moldam as respostas globais a desafios como saúde, trabalho, direitos humanos e mudanças climáticas.

Em alinhamento com a visão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva — que tem reiterado que “o multilateralismo é o único caminho possível diante da crise climática” — Corrêa do Lago reuniu-se com líderes das principais agências da ONU sediadas na cidade. Entre eles, o Diretor-Geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Dr. Tedros Adhanom Ghebreyesus, e com Gilbert F. Houngbo, Diretor-Geral da Organização Internacional do Trabalho (OIT), com quem discutiu o papel da OIT na promoção de uma transição justa no mundo do trabalho, especialmente diante das transformações exigidas pela descarbonização da economia global. Já com o Alto Comissário das

Nações Unidas para os Direitos Humanos, Volker Türk, o diálogo girou em torno da importância de garantir que a sociedade civil esteja plenamente engajada nos debates sobre mudança do clima, reconhecendo que os direitos humanos e a justiça climática são dimensões inseparáveis.

O ponto alto da missão foi o briefing realizado na sede da Organização Meteorológica Mundial (OMM), no dia 17 de setembro. Intitulado “COP30 in

Belém: Joining Forces for a Common Purpose”, o evento reuniu diplomatas, representantes de organizações internacionais e membros da sociedade civil para debater os desafios e oportunidades da COP30. Ao lado da Diretora-Geral Celeste Saulo — primeira mulher a liderar a agência — Corrêa do Lago apresentou a visão brasileira para a conferência: uma COP inclusiva, ambiciosa e enraizada na realidade brasileira.

Durante sua fala, o embaixador destacou a





importância de mobilizar diferentes atores, de diversas áreas e com distintas ideias, para enfrentar a complexidade da crise climática. Enfatizou que é fundamental incorporar economistas ao debate, pois as questões climáticas afetam diretamente os países, transformam economias e causam impactos profundos nas políticas públicas, nas democracias e nas finanças. Segundo ele, “não basta apenas discutir metas — é preciso partir para uma agenda de ação concreta, que una ciência, política e valores éticos em prol de um futuro comum”.

Corrêa do Lago também ressaltou o trabalho conjunto com as ministras Marina Silva (Meio Ambiente e Mudança do Clima) e Sonia Guajajara (Povos Indígenas), e apresentou os Mutirões Climáticos como expressão concreta do engajamento nacional. Inspirado na palavra de origem tupi-guarani, “mutirão” representa o espírito de trabalho coletivo e solidariedade que o Brasil deseja levar à COP30.

Essa visão foi reforçada pela ministra Marina

Silva em junho, durante visita à Universidade Sciences Po, em Paris. Em diálogo com os pesquisadores Pierre Charbonnier e Emmanuel Guerin, Marina defendeu que a transição ecológica precisa ser guiada por valores éticos, justiça social e respeito aos limites planetários. “Estamos diante de uma situação extremamente grave. A COP30 deve ser a COP da aceleração da implementação, com base em princípios éticos e compromisso com as gerações futuras”, declarou.

Diante desse cenário, há cinco grandes frentes que merecem atenção especial dos jornalistas que irão cobrir a COP30. A primeira é o papel da Amazônia como protagonista — não apenas como território estratégico, mas como sujeito político. A cobertura deve observar como os povos indígenas e comunidades ribeirinhas serão ouvidos e integrados às decisões. Em segundo lugar, o financiamento climático: quais compromissos serão assumidos — e cobrados — dos países desenvolvidos, espe-

cialmente em relação à adaptação e perdas e danos?

A terceira pauta é a transição justa. É fundamental acompanhar como os países pretendem garantir que a descarbonização da economia não aprofunde desigualdades sociais e econômicas, sobretudo nos países em desenvolvimento. A quarta é o multilateralismo em xeque: em um momento de tensões geopolíticas, como reconstruir a confiança entre os Estados e fortalecer os mecanismos de cooperação internacional?

Por fim, a quinta pauta é a ética ambiental. O Brasil propõe colocar valores éticos no centro das decisões climáticas. A pergunta que se impõe é: será possível transformar esse conceito em uma agenda concreta e global?

A COP30 será mais do que uma conferência. Será um teste de maturidade política, de capacidade de articulação internacional e, sobretudo, de coragem e ética. O Brasil está se preparando para esse momento — e o jornalismo precisa estar à altura do desafio.

# Lições do Jornalismo Ambiental

SÉRGIO PEREIRA

Uma bússola para qualquer cobertura sobre meio ambiente está sedimentada na epistemologia do Jornalismo Ambiental (JA). Entre os sete pressupostos do JA, cinco em especial devem ser observados nessas horas: a) Pluralidade de vozes; b) Assimilação do saber ambiental; c) Cobertura próxima à realidade do leitor; d) Comprometimento com a qualificação da informação; e) Responsabilidade com a mudança de pensamento (Girardi et al., 2020, p. 284-285).

É importante buscar fontes não oficiais e não tradicionais que possam acrescentar dados para orientar o leitor sobre o atual momento climático (a). Ouvir especialistas para uma boa informação técnica é necessário, mas relatos de experiências de

quem vive e sofre com as mudanças do tempo em outras partes do mundo darão outro contexto às suas reportagens.

Olhar o jornalismo pela ótica ambiental é outro exercício necessário (b). O profissional não deve se ater a simples exposição de dados. É preciso ter em mente que estamos debatendo o futuro do planeta e, conseqüentemente, o futuro da vida. E não há como ignorar que os discursos devem estar direcionados em um basta da exploração econômica e que precisamos preservar o que nos resta de florestas, campos, fontes hídricas, menos poluição, menos concreto, menos asfalto.

Ajuda muito ficar de olho na realidade do seu leitor (c). Quem não está sofrendo com a destruição ambiental? São enchentes

regulares no RS, SC; é o ar tóxico das cidades do centro-oeste sufocadas pelas queimadas; são fontes de água contaminadas, como em Minas Gerais e em parte do Norte devido à ação de garimpeiros; supressão de vegetação nativa em todos os estados; crescimento vertical descontrolado nas grandes cidades. Pegue os temas da COP30 e traga esses problemas para dentro da sua “aldeia” para ilustrar a cobertura.

Fique atento também aos dados que circularão pela COP30 (d). Há muitos interesses envolvidos. Muitas estatísticas são divulgadas mostrando apenas os aspectos que interessam à fonte. Busque conseguir os dados completos dos estudos, converse com quem tem pontos de vista contrários. É preciso ter uma



Sérgio Pereira é jornalista, integrante do Grupo de Pesquisa Jornalismo Ambiental (UFRGS/CNPq)

visão crítica e em defesa da vida.

O jornalista precisa estar compromissado com a mudança de pensamento (e). Ele precisa ficar atento às in-

formações oficiais, obviamente, mas sem perder o olho nas ótimas entrevistas alternativas que surgirão na COP30. Busque novas formas de ver o mundo, outros modelos

de pensamento. Aposte nas utopias, nos sonhos, em quem acredita que é possível viver em um planeta mais justo, mais verde, menos explorado e menos destruído.

# Sugestões de pauta para

# COP



**Sílvia Marcuzzo é jornalista, mestranda em Comunicação pela PUCRS e integrante do Grupo de Pesquisa em Jornalismo Ambiental (UFRGS) e do Grupo de Pesquisa sobre Comunicação, Crise e Cultura do Cuidado (PUCRS)**

## SÍLVIA MARCUZZO

A COP30 pode ser em Belém, bem longe do Rio Grande do Sul. Mas há muita coisa que será debatida lá, que tem relação com o que acontece aqui pelos pagos. Até porque boa parte da chuva que cai no território gaúcho, o único estado brasileiro onde o Pampa se encontra com a Mata Atlântica, vem da

maior floresta tropical do mundo, a Amazônia.

Outro aspecto que conecta o nosso estado ao bioma, considerado o ar-condicionado do mundo, é que muitos proprietários de terras de lá são gaúchos ou descendentes deles. Também vale lembrar que o conceito de pulmão do mundo, disseminado por muita gente, é errado. Os oceanos é que são os maiores produtores de oxigênio do

planeta.

A história da migração e da ocupação do bioma amazônico, ou seja, o quanto as distintas paisagens de lá – pois há vários tipos de florestas nos ecossistemas do Norte – tem uma relação estreita com os nativos da região Sul. É quando se constata o nome de municípios então, isso fica nítido em Porto Alegre do Norte, por exemplo. O modelo de desenvolvi-

mento com a visão eurocêntrica foi difundido inclusive pelos governos, que obrigavam os chegados ao novo ambiente a desmatar.

O que se trata da COP também não pode e não deve apenas tratar da Amazônia, apesar do bioma ser o mais lembrado e citado quando se fala em cumprimento das metas contra o desmatamento. A redução das emissões de gases de efeito estu-

fa (GEEs), faz parte das medidas de mitigação do agravamento do aquecimento global. Mas é com relação à adaptação aos tempos de intensificação que devem ser desenvolvidas muitas pautas.

O Rio Grande do Sul é um dos estados de maior ocorrência de eventos extremos do País, como ciclones, chuvas intensas em um pequeno período de tempo, vendavais e

granizo. Há estudos do Centro Polar e Climático da UFRGS com relação a isso. De que forma as prefeituras, as empresas, a sociedade têm se preparado para conviver com esse novo normal? O estado e algumas prefeituras instrumentalizaram a Defesa Civil. Porém o que está sendo feito com relação à prevenção de danos?

Outro aspecto é a questão econômica, existem

produtos da floresta que vem para o Sul, e a logística da Amazônia é algo surreal. Lá não dispõe de estradas como outras regiões do País. O transporte é quase que todo por via fluvial. São faces do Brasil, que para muitos, pode parecer outro planeta.

Outras pautas que podem ser feitas é a relação do quanto o clima interfere em tudo: no campo e na cidade. O frio, a umidade, a chuva podem contribuir para o aumento de doenças respiratórias, mas é o calor intenso que mais mata. Vale conferir o volume de óbitos na Europa, onde as casas nem ventilador dispõe, muitas vezes. Por aqui, temos tanto frio, quanto calor e, ainda estiagem. Sim, essa é uma das

características que nos fazem ter resiliência para migrar tanto dentro do país.

Que medidas estão sendo debatidas para enfrentar longos períodos de ausência de chuva? Há exemplos de outros países e estados que podem ser pesquisados, como o uso de cisternas e armazenamento de água em açudes. No entanto, a construção de barragens em Áreas de Preservação Ambiental (APPs) requer levantar vários aspectos sobre os impactos desse tipo de interferência nos cursos d'água. Vale lembrar também que embora o Estado disponha de uma hidrografia abundante, há muitos conflitos do uso da água.

Em várias situações já se precisou debater se a água do rio Santa Maria, por exemplo, iria para abastecimento público ou para as lavouras de arroz (por pressão dos produtores rurais, é claro).

Os comitês de bacia hidrográfica são a instância, o fórum determinado por lei para tratar dessa questão, pois têm representantes de distintos segmentos da sociedade. Por interferência de segmentos econômicos, os comitês foram desidratados nos últimos anos pelo governo do Estado. Inclusive há um intenso debate sobre a situação dos comitês na Assembleia Legislativa, onde foi criado o Fórum das Águas.

## Sobre minhas expectativas para o **CLIMA EM BELÉM:**

1) Baixas quanto aos avanços programáticos a partir dos nossos tomadores de decisão, com toda essa conjuntura de guerras, nacionalismos e negacionismo de quem comanda (vide os EUA);

2) Baixas quanto à ampla participação de delegações, pelos já sabidos desafios infraestruturais até então não resolvidos a contento faltando poucas semanas para Conferência;

3) Altas quanto à mobilização social, após três COPs em países com restrições (Egito, EAU, Azerbaijão). Há um grito reprimido, com Belém podendo vir a sediar uma das maiores movimentações sociais da história das COPs. É um público que vem mesmo sem credenciais oficiais e se organiza em alojamentos solidários, em iniciativas paralelas como a Cúpula dos Povos, COP das Baixadas e outras, debatendo clima no coração da



Amazônia e propondo caminhos também sob o ponto de vista dos indígenas, das negritudes, das periferias, daqui e do mundo.

**Caetano Scannavino é fotógrafo e coordenador do Projeto Saúde e Alegria**



## Dicas dos colegas

**Claudio Angelo é jornalista, coordenador de Comunicação do Observatório do Clima e autor de “A espiral da morte: como a humanidade alterou a máquina do clima”, vencedor do prêmio Jabuti, e de “O silêncio da motosserra – quando o Brasil resolveu salvar a Amazônia”**

Imagino que muita gente vá ter em Belém a sua primeira COP e tem dois tipos de cobertura que você faz numa conferência dessa. Eu acho que tem a cobertura da Zona Azul, que é a das negociações diplomáticas, que é uma coisa razoavelmente restrita, porque você precisa ter uma credencial emitida pela ONU. E tem a cobertura de tudo que vai estar em volta da COP, que são os eventos paralelos, tudo que vai acontecer em Belém, relatórios que serão lançados, programas que serão lançados, coisas que são feitas. Belém vai virar um universo. Excesso de pautas sobre clima e meio ambiente. O que mata numa COP não é a falta de notícia, é o excesso de ruído, porque todo mundo vai tentar “vender” alguma coisa na COP e vai virar uma cacofonia de pautas. Todo mundo vai tentar gritar mais alto para ganhar a atenção do jornalista, que precisa ser muito criterioso e muito seletivo. Coisa que te “empurra” pode ser um complicador.

Para quem está cobrindo as negociações, eu acho que tem duas coisas. Uma é o cole-

guismo, porque é muito difícil dar furo de negociação em COP. Não é que não aconteça, acontece, mas é difícil. Então, acho que é uma oportunidade que os jornalistas têm de trabalhar num ambiente muito diferente do ambiente no qual eles operam. Você ajudar o seu colega e ser ajudado por ele, porque todo mundo vai precisar, ninguém consegue estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Vai sempre ter alguma coisa que você está perdendo e que outra pessoa vai poder ter te dizer: “Olha, aconteceu tal coisa”. Ou: “Vai ter tal coletiva da Marina Silva, ela vai dar um quebra-queixo na saída da plenária e não sei o quê”. Esse é o tipo de coisa que acontece em COP. Eu fui ajudado uma vez, de uma forma inesperada, por um cara que é meu amigo até hoje. Em Copenhague, em 2009, eu estava passando assim no meio das multidões, ali fica tudo aglomerado e tal. E esse meu colega Gustavo Faleiros me viu, me puxou pela camisa e falou: “Vem aqui fazer entrevista”. E tinha um cara baixinho de calça vermelha falando com um bando de jornalistas

brasileiros. Quem era essa figura? Esse cara era o Thom Yorke, vocalista do Radiohead que estava lá na COP. Foi uma conversa superinteressante. Então esse é o tipo de coisa que acontece em COP. Essa cooperação é importante.

Eu acho que não entrar em pânico também é importante, porque quem não se sente perdido numa COP é porque não está entendendo nada do que está acontecendo ali. Então é absolutamente natural as pessoas se sentirem perdidas, atropeladas por um monte de coisas e eu acho que tem que ter também um certo sangue frio com a negociação, porque o documento de hoje amanhã ele não vai estar nem embrulhando o peixe. Os países costumam botar documentos para discussão e que você olha e parece que aquilo ali vai mudar o mundo. Ou aquilo é um lixo completo, que vai ser um fracasso da COP, mas não é nada daquilo que é constantemente negociado. E várias versões desse mesmo texto vão aparecendo. Então, se eu tivesse que resumir em três palavras, eu acho que é isso: cooperação, sangue frio e filtro.

COPs de clima se tornaram eventos gigantes. O principal esforço é manter o foco, cobrir uma zona de interesse e atender que todo mundo ali faz lobby, verde ou não. A COP30 promete ser um bombardeio de boas intenções – e outras nem tanto – e o difícil é separar umas de outras. A COP em Belém tem vários campos e nenhuma agenda forte, até o momento. Para quem cobre empresas, a agenda de ação pode ser fonte de pautas; movimentos socioambientais terão bons debates na Cúpula dos Povos; o movimento indígena estará com eventos diários na Aldeia Indígena. Cientistas lançarão novos estudos. Entre a primeira e a segunda semana, uma grande passeata deve agitar as ruas da capital paraense. Há a pauta geopolítica, em um mundo conturbado – como se comportarão as grandes potências e os grandes emissores?

O governo brasileiro deve estar presente com vários ministros, agen-



**Daniela Chiaretti é repórter especial do Valor Econômico e cobriu 23 COPs de clima, biodiversidade e desertificação**

das diversas e muitas contradições. O resultado da negociação, nos dias finais, é ainda um mistério – assim como no início do evento. Países mais vulneráveis conseguirão colocar suas urgências?

COPs são um caleidoscópio de demandas da sociedade global e um jogo de interesses dos governos. A edição

no Brasil manterá o multilateralismo aceso? Há muitas questões em aberto. Não há resposta mágica à crise do clima, o segredo está, talvez, na diversidade de conhecimentos – desde que se cortem emissões e se adaptem as sociedades aos impactos climáticos. Mitigação, adaptação e financiamento são temas sempre centrais.



## Dicas dos colegas

Olha, eu acho que o principal para segurar a ansiedade dos jornalistas é entender como as negociações acontecem durante os dias de COP30. A COP é dividida em duas zonas, a Azul, que é a mais restrita, onde acontecem as negociações, e a Verde, que é tipo um grande feirão com estandes de países, empresas e etc.

As negociações oficiais acontecem dentro da Zona Azul, e só pode entrar lá quem tiver credencial. Mesmo lá dentro, é só em algumas reuniões que os jornalistas conseguem acompanhar. Na maior parte do tempo, eles ficam nas salas de imprensa aguardando para falar com negociadores pelos corredores e indo a conferências de imprensa.

Sobre as duas semanas: na primeira, na zona azul, diplomatas e técnicos trabalham nos detalhes dos textos de negociação, discutindo palavra por palavra para tentar chegar a um rascunho de consenso;

na segunda, entram ministros e chefes de Estado para decidir os pontos mais difíceis e fechar os acordos políticos. Paralelamente, tanto na zona verde como na cidade em que

está acontecendo a COP, rolam eventos, protestos e mobilizações da sociedade civil, que não fazem parte da negociação oficial, mas pressionam os governos e influenciam o rumo das conversas.



**Jaqueline Sordi é bióloga, jornalista e doutora em Comunicação**

## Dicas dos colegas



A Nonada Jornalismo está elaborando um projeto chamado “Futuro Ancestral” para a COP30, em que a gente vai entrevistar também artistas, comunicadores, ativistas que trabalham com cultura, clima e relativos às questões de justiça climática. Essa é uma dica importante: planejamento. Olhar a programação previamente, ver o que que está rolando. Dependendo do foco do jornalista, entender os jargões dos diplomatas, com-

prender como é que funcionam essas organizações da sociedade civil que discutem esses temas, isso é fundamental. E estudar também as temáticas pontuais, o que vai ser discutido lá, ler a carta do embaixador Corrêa do Lago, que está presidindo a COP; ver os itens da agenda; se estruturar; se familiarizar com termos como Green Zone, Blue Zone.

Acho que uma pauta interessante é ver se o Brasil está buscando esse protagonismo

diplomático, como é que ele vai se posicionar como líder nas negociações climáticas, e também se dá esse destaque que a gente vai fazer a nossa cobertura das vozes da sociedade civil, os povos indígenas, os quilombolas, comunidades estacionais, as pessoas da sociedade, como é que elas estão atuando na COP, ou em paralela, na cidade de Belém e tudo mais, porque a gente sabe que, vai ter um impacto grande na cidade.

A cobertura da COP 30 deve ter pelo menos quatro tipos de pauta. A primeira é acompanhar as negociações diplomáticas explicando o impacto na vida do cidadão de cada vírgula ou palavra em disputa antes e depois da chegada dos chefes de estado. Em segundo lugar, é preciso cobrir de pauta a atuação das principais organizações ambientalistas, em especial o Observatório do Clima. Acho também muito

relevante comparar o discurso do governo brasileiro com a prática do atual governo, pois todos sabemos que a questão ambiental não é consenso entre os ministérios.

Por último, acho muito relevante nas coberturas regionais, no nosso caso o Rio Grande do Sul, acompanhar de perto o que será dito pela delegação de Porto Alegre e do Governo do Estado, e comparar com a prática da governança climática local. Eu vou

orientar uma cobertura à distância da conferência no meu projeto de extensão universitária buscando traduzir os debates em Belém para a realidade das periferias da capital gaúcha. A inundação histórica de 2024 ainda está presente na nossa memória, nos nossos sonhos e pesadelos, então acho fundamental conectar o debate mundial em busca de soluções possíveis com a realidade das populações mais vulneráveis.



## Dicas dos colegas

**Roberto Villar Belmonte é professor de jornalismo no Centro Universitário Ritter dos Reis em Porto Alegre**

# OS 30 OBJETIVOS-CHAVE

## EIXO 1

Transição nos setores de energia, indústria e transportes

- 1) Triplicar renováveis e duplicar eficiência energética
- 2) Aceleração de tecnologias de zero e baixas emissões em setores de difícil descarbonização
- 3) Assegurar o acesso universal à energia
- 4) Transição para o afastamento dos combustíveis fósseis, de forma justa, ordenada e equitativa

## EIXO 2

Gestão sustentável de florestas, oceanos e biodiversidade

- 5) Investimentos para parar e reverter o desmatamento e a degradação florestal
- 6) Esforços para conservar, proteger e restaurar a natureza e ecossistemas com soluções para o clima, biodiversidade e desertificação
- 7) Esforços para preservação e restauração de oceanos e ecossistemas costeiros

## EIXO 3

Transformação da Agricultura e sistemas alimentares

- 8) Recuperação de áreas degradadas e agricultura sustentável
- 9) Sistemas alimentares mais resilientes, adaptados e sustentáveis
- 10) Acesso equitativo a alimentação adequada e nutrição para todos

## EIXO 4

Construção de resiliência em cidades, infraestrutura e água

- 11) Governança multinível
- 12) Construções e edificações sustentáveis e resilientes
- 13) Desenvolvimento urbano, mobilidade e infraestrutura resilientes
- 14) Gestão da água
- 15) Gestão de resíduos sólidos

## EIXO 5

Promoção do desenvolvimento humano e social

- 16) Promoção de serviços de saúde resilientes
- 17) Redução dos efeitos da mudança do clima na erradicação da fome e da pobreza
- 18) Educação, capacitação e geração de empregos para enfrentar a mudança do clima
- 19) Cultura, patrimônio cultural e ação climática

## TRANSVERSAIS

Catalisadores e aceleradores, incluindo financiamento, tecnologia e capacitação

- 20) Finanças climáticas e sustentáveis, com integração sistemática do clima em investimentos e seguros
- 21) Financiamento para adaptação
- 22) Compras governamentais integrando o clima
- 23) Harmonização de mercados de carbono e de padrões de contabilidade de carbono
- 24) Clima e comércio
- 25) Redução de gases não-CO<sub>2</sub>
- 26) Governança, capacidade do Estado e fortalecimento institucional para a ação climática, planejamento e preparação
- 27) Inteligência artificial, infraestrutura pública digital e tecnologias digitais
- 28) Inovação, empreendedorismo climático e micro e pequenas empresas
- 29) Bioeconomia e biotecnologia
- 30) Integridade da informação em assuntos climáticos

COP30  
AMAZÔNIA



Fonte: COP30

# RESUMO

- ▶ **O quê:** Conferência das Partes (COP30)
- ▶ **Quando:** de 10 a 21 de novembro de 2025
- ▶ **Onde:** Belém/PA
- ▶ **Quem promove:** Organização das Nações Unidas
- ▶ **Sede:** os eventos ocorrerão no Parque da Cidade (antigo aeroporto de Belém), localizado entre as avenidas Júlio César e Doutor Freitas. O parque estará dividido em Zona Verde (aberta ao público, terá debates, painéis e exposições) e Zona Azul (área restrita da ONU, onde acontecem as reuniões diplomáticas).
- ▶ **Do que se trata:** anualmente, um país é sede do encontro, que tem como meta principal buscar formas de implementar a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima. A primeira COP ocorreu na Alemanha em 1995. Ao final do evento, um documento será elaborado com o objetivo de estabilizar a concentração de gases de efeito estufa na atmosfera.
- ▶ **Site oficial:** <https://cop30.br/pt-br>

Fonte: COP30



COP30  
AMAZÔNIA

# EXPEDIENTE



**JORNALISTAS**  
SINDJORS

Versão de Jornalistas é uma publicação do Sindicato de Jornalistas Profissionais do Rio Grande do Sul  
Rua dos Andradas, 1270,  
13º andar, sala 133  
Centro Histórico – Porto Alegre/RS – CEP 90020-008  
Fone/whatsapp:  
(51) 3228.8146  
[www.jornalistas-rs.org.br](http://www.jornalistas-rs.org.br)  
[secretaria@jornalistas-rs.org.br](mailto:secretaria@jornalistas-rs.org.br)

**DIRETORIA EXECUTIVA**  
Presidenta  
Laura Eliane Lagranha Santos  
1ª Vice-presidenta  
Katia Marko  
2º Vice-presidente  
Pedro Guilherme Dreher  
1ª Secretário Executivo  
Mateus Azevedo  
2ª Secretária Executiva  
Thamara Costa Pereira  
Stela Pastore  
1ª Tesoureira  
Sílvia Fernandes  
2º Tesoureiro  
André Zenobini Nascimento

Mônica Cabañas Guimarães,  
Niara de Oliveira, Carla Seabra,  
Jorge Leão, Letícia Castro e  
Luciamem Winck

**DIRETORIA GERAL**  
Alexandre Haubrich, Bel Clavelin, Celso Schröder, Eduardo Silveira, Elaine Barcellos de Araújo, Eliane Silveira, Jeanice Dias Ramos, Jonas Tiago Souza Silveira, Luciane de Oliveira Franco e Simone Medeiros Ramos

**CONSELHO FISCAL**  
Adroaldo Bauer Spíndola Corrêa, Marcos Santuario Ulisses Nenê, Thaís Bretanha, Dolcimar Luiz da Silva e Igor Umberto Sperotto

**COMISSÃO DE ÉTICA**  
Vera Daisy Barcellos, Vera Spolidoro, Pedro Osório, Moisés Mendes, Renato Dornelles, Telia Negrão, Carlos Bastos, Ilza Girardi, José Antônio Silva e Paulo Gasparotto



Edição Especial 83 anos do SindJoRS

Nesta Edição Especial pelo aniversário de 83 anos do SindJoRS o Versão de Jornalistas tem como tema a cobertura Jornalística da COP 30. Este Caderno Especial foi construído em conjunto com o Núcleo de Jornalistas Ambientais do Rio Grande do Sul (NEJ).

Editora: Mônica Cabañas  
Editor Adjunto: Sérgio Pereira  
Projeto gráfico: Pedro Dreher  
Diagramação: Laura Eliane Lagranha Santos Rocha  
Textos e reportagens: Caetano Scannavino, Claudio Angelo, Daniela Chiaretti, Ilza Girardi, Jaqueline Sordi, Monica Cabanas Guimaraes, Rafael Gloria, Roberto Villar Belmonte, Sérgio Pereira e Sílvia Marcuzzo  
Revisão: Ilza Girardi e Letícia Castro  
Capa: Arte Cop30  
Fotografia: Renato Parada, arquivo pessoal e imagens web de arquivos livres  
Distribuição: on-line

FILIADO A \_\_\_\_\_

**FENAJ**  
FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS

**IFJ** International Federation of Journalists

**Rede de proteção**  
DE JORNALISTAS E COMUNICADORES

**CUT** BRASIL  
CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES



COP30  
**BRASIL**  
AMAZÔNIA  
BELÉM 2025

